

*Escrevi
para não te
esquecer*

Patrícia Rosas
Organizadora



*Escrevi
para não te
esquecer*

Patricia Rosas
Organizadora





UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
REITOR: VALDINEY VELOSO GOUVEIA
VICE-REITORA: LIANA FILGUEIRA CAVALCANTE



CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES
DIRETOR: ULISSES CARVALHO SILVA
VICE-DIRETORA: FABIANA CARDOSO SIQUEIRA
EDITOR
Dr Ulisses Carvalho Silva



CONSELHO EDITORIAL DESTA PUBLICAÇÃO
Dr Ulisses Carvalho Silva
Carlos José Cartaxo
Magno Alexon Bezerra Seabra
José Francisco de Melo Neto
José David Campos Fernandes
Marcílio Fagner Onofre
SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL
Paulo Vieira
LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO
COORDENADOR
Pedro Nunes Filho

Editoração: Patrícia Silva Rosas de Araújo
Capa: Patrícia Silva Rosas de Araújo

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

Escrevi para não te esquecer / Organização: Patrícia Rosas. –
João Pessoa : Editora do CCTA, 2024.
128 p. : il.

ISBN: 978-65-5621-476-4

1. Literatura brasileira – Contos. 2. Memórias literárias.
3. Estudantes – Pedagogia-UFPB. I. Rosas, Patrícia.

Elaborada por: Cleicyane Cássia Moreira Pereira CRB 15/591





*Escrevi
para não te
esquecer*

ESCREVI, LINHA POR LINHA,
NA ESPERANÇA DE QUE AS
PALAVRAS RESISTISSEM AO
TEMPO E À DISTÂNCIA.
ESCREVI PARA QUE CADA
TRAÇO FOSSE UM REFLEXO DA
TUA PRESENÇA, PARA QUE,
MESMO QUANDO A MEMÓRIA
FALHASSE, AINDA HOUVESSE
UM PEDAÇO DE TI GRAVADO
EM CADA PÁGINA.



ESCREVI,
SIMPLESMENTE,
PARA NÃO TE
ESQUECER.







*“Só se tem saudade do que é bom
Se chorei de saudade, não foi por
fraqueza
Foi porque eu amei...”*

Saudade, Nelsinho Corrêa

SUMÁRIO

- 
- 13 **Apresentação**
Patrícia Rosas
- 15 **Prefácio**
Gilvete de Lima Gabriel
- 19 **A simplicidade mora dentro de casa**
Aldenora Giovana da Silva
- 22 **Enquanto eu esperava o ônibus**
Alessandra Faustino de Araújo
- 25 **Pés descalços, alma livre**
Aline Maria da Silva Lima
- 28 **Ser criança no sítio**
Alyce Liberato Verissimo da Silva
- 30 **E agora, José? Podemos andar juntos?**
Ana Jussara Correia da Silva
- 33 **Eram tantas Anas**
Ana Laura de Moura Dias

- 37 **Benjamin: o pequeno milagre**
Anna Karlla de Pontes Soares
- 39 **Barquinhos de papel na chuva**
Camila Alexandre de Lima
- 41 **Cuidar de plantas é um jeito de cuidar de gente**
Cinthia Larissa Soares da Silva
- 43 **O primeiro quadro na parede**
Damiana Maria dos Santos
- 45 **Quantas famílias a partir de uma?**
Esmeralda Sabrina da Silva Monteiro
- 47 **Morada errante**
Esther Pinheiro de Almeida Monteiro
- 49 **O Sol na casa dos 8 gatos**
Iago Anderson Soares de Oliveira

- 
- 52 **O terraço, a velha cadeira de balanço e o pé de jambo**
Ivan Marçal da Rocha
- 54 **Pássaro que sonha, não vive em gaiola**
Izaiane da Silva Santos
- 57 **Vovó me ajudava a “roubar” meu próprio cofrinho**
Karla Alves Marinho dos Santos
- 59 **Se crescer, volte para o passado**
Kaylane Alves Marinho dos Santos
- 61 **O batom vermelho e os olhos verdes da vó Leônia**
Larissa Azevedo Farias dos Santos
- 64 **1,2,3 Plié**
Lidiane do Nascimento Souza
- 67 **O novo morador da rua: um sofá velho, sujo, cheio de buracos e manchas**
Lorranny Almeida de Lucena

69 **Um quartinho para chamar de meu**

Maria Camille Ferreira de Ataíde

72 **Quem rabisca traços, pinta sonhos**

Maria Clara Santos

75 **Ao som de “Didididiê”**

Maria Dayane Lira Dantas

78 **Descalços na areia**

Maria Mayrla de Souza Tavares

79 ***Lux in tenebris: Sanctissimum Sacramentum***

Maria Regina da Silva Xavier

81 **Peritos em brincar**

Maysa Julia da Costa Alcantara

83 **Nem todo papai é Noel**

Natalia de Araújo Nobrega

85 **Cada imagem, uma página viva**

Nathalia Francisca da Silva

- 
- 87 **O dia em que a feira se transformou numa área de Fliperama**
Pablo Bismark Souza Braz
- 91 **Entre mapas e horizontes**
Paulo Jose Gomes Costa
- 96 **Infância e criatividade *on demand!*
"Que Xou da Xuxa é esse?"**
Patrícia Rosas
- 100 **Mimoso, o cajueiro de voinha**
Priscila de Souza Silva
- 102 ***Jeris e o alpendre de mainha***
Priscylla Maria Florentino Martins
- 104 **Quadros de pele**
Raquel Monteiro Soares do Nascimento
- 106 **Do lilás ao amarelo: as metamorfoses da minha infância**
Rayane Pereira Martins
- 110 **Chuva em terra seca**
Rayane Ramos de Andrade
- 113 **O terço cor-de-rosa**
Silvia Allanna Ferreira da Silva

114 **Um quintal, uma xícara de café e um
velho estofado**

Sophia Martinez Manzano Lucas

116 **A casa do outro lado da rua**

Tamires Basílio de Pontes Alcantara

118 **Adormeci com o dançar das
borboletas**

Telma Yara Barbosa

120 **As pedras do rio**

Thais Alves Correia Lima

122 **O aniversário de Leila**

Thais de Souza da Silva

124 **A tão sonhada fotografia**

Vitoria Kelly Alves Belarmino Santos Sa

127 **Filha, seu café!**

Wanessa Meireles dos Santos

Apresentação

“Escrevi para não te esquecer” nos convida a celebrar a simplicidade da vida, a força dos laços familiares e a beleza das pequenas lembranças do cotidiano.

Nesta coletânea de memórias literárias, estudantes de Linguagem e Interação do Curso de Pedagogia da UFPB compartilham narrativas que nos transportam para um tempo de ritmos mais lentos, repleto de pequenas alegrias e gestos de superação. Com uma linguagem sensível e poética, os autores nos guiam por um labirinto de recordações, onde a saudade se entrelaça como fio condutor, tecendo a rica tapeçaria de suas vidas.

Os escritores desvendam suas memórias com generosidade, evocando cenas como conversar com vizinhos à porta de casa, tomar café no quintal, admirar a majestade de cajueiros ou jambeiros, caminhar descalço pelo sítio e registrar fotografias de família. Momentos simples, como tomar banho de chuva, fazer barquinhos de papel, comemorar o aniversário de uma boneca, acolher um novo membro na família, festejar a conquista da casa própria ou cuidar das plantas da neta, também são trazidos à tona. A experiência de passear pela feira de artesanato, jogar fliperama, rezar o terço ou orar em silêncio também encontra espaço nessas memórias. Viajar pelo mundo, desenhar, pintar, celebrar a conquista de um emprego, pegar o ônibus lotado ou conversar com os pais ao entardecer compõem esse mosaico de vivências.

Já imaginou ter oito gatos, confiar segredos a um velho sofá, brincar na casa dos vizinhos até tarde, adormecer em meio à natureza, ter um quarto só seu e ainda escrever cartas para o Papai Noel? São essas lembranças, delicadamente resgatadas, que ganham vida nas páginas deste livro.

Agradecemos aos escritores por suas valiosas contribuições e a você, leitor, por embarcar nesta jornada literária conosco. Que este livro seja um convite à reflexão sobre o verdadeiro significado da saudade, esse sentimento complexo e multifacetado que conecta o presente ao passado. Que, a cada página virada, você se sinta inspirado a contar suas próprias histórias e quem sabe, também escrevê-las.

Boa leitura!

Patrícia Rosas

Professora de Linguagem e Interação;
*Pós-Doutora em Linguagem e Ensino; Doutora
em Linguística; professora da UFPB/ DME- CE*

Prefácio

[...] a duplicação da referência e a redescrição da realidade, submetida às variações imaginativas da ficção, aparecem como figuras específicas de distanciamento, quando essas figuras são refletidas e rearticuladas pelo discurso especulativo.

A metáfora viva
(Paul Ricoeur, 2000, p. 482).

Ao olhar a capa e o título desse livro, a emoção tomou conta do meu ser. A ausência do meu pai que partiu para a eternidade nesse tempo presente, fez-me voltar a escrever Cartas para Jesus e para mim mesmo, prática que desenvolvo desde meus dezesseis anos, lugar de refúgio e acolhimento dos meus sonhos, desejos, frustrações e expectativas. Tomo como ponto de partida a epígrafe de Paul Ricoeur que aponta a importância do distanciamento como possibilidade de duplicar a referência, rearticular e ressignificar pela imaginação especulativa os tempos vividos. O livro em tela "*Escrevi para não te esquecer*", configura-se como um presente para os leitores e leitoras, especialmente para mim que estive em terras longínquas há quase trinta anos, pois, "[...] vai além de ser apenas uma coleção de histórias; é um tributo à resiliência do espírito humano e à necessidade de recordar".

Desse modo, prefaciá-la é o coroamento pela confiança e fé que sempre me acompanharam. Trazer à memória as lembranças que nos trazem esperança, como nos aconselhou o poeta bíblico em Lamentações, configura-se como a demarcação de um território onde encontramos paz, segurança, acolhimento, amor, amizade e saudade. Esse espaço-tempo está repleto de sonhos, desejos e realizações.

Cada vida aqui representada e apresentada conta a história da infância com suas imaginações, criatividade, brincadeiras e sentimento de pertencimento com seus personagens incríveis: avós, tias, primos, vizinhos, irmãos e pais. Eles, forjaram nosso modo de ser, sentir e pensar alhures e hoje, evocar sua contribuição para responder “quem sou” é oferecer um tributo àqueles que um dia, infelizmente, nos deixou ou nos deixarão. Aprender com o olhar atento à natureza, aos adultos e com as brincadeiras de infância são características peculiares da criança que permanece como um refúgio para a mente e o corpo, pois esse espaço-tempo, nos assegura também que a vida está “grávida” de ganhos, perdas, encontros, desencontros, felicidades e tristezas.

O sociólogo francês Pineau (2004, p. 158-159), nos alerta: “[...] *É só sabendo como o meio ambiente nos forma, nos põe em forma, que saberemos como formar um meio ambiente viável, suportável e vital*”. As experiências-referência contidas em cada texto dessa antologia é um convite e uma convocação para o “reconhecimento de si” e o “reconhecimento mútuo” (Ricoeur, 2006) daquilo que nos constitui como seres humanos capazes de “ser mais” (Freire, 1997) em um movimento permanente de defesa da vida como bem maior, seja dos animais, das plantas, das crianças e dos adultos, pois, tudo tem início no nosso território mais simples e singular, a exemplo de um quarto, um quintal, um alpendre, um chão de cimento batido.

A minha gratidão a professora Patrícia Rosas que com sua vida exemplar propicia aos seus alunos e alunas a chance de se reconectar com a simplicidade, generosidade e acolhimentos dos seus grupos-referência.

Desejo aos leitores e leitoras que esse livro proporcione a vocês, como proporcionou a mim, a rearticulação de emoções, sensações e, sobretudo, o reconhecimento das raízes mais profundas do meu ser. Aos autores e autoras, meu abraço fraterno.

Gilvete de Lima Gabriel

Professora de Educação de Jovens e Adultos/Seminário VII
Pós-Doutora em Educação e Sociologia; Professora de
Pedagogia da UFRR em Colaboração Técnica com a
UFPB/DME-PPGE- CE.



*“Mas a saudade é isto mesmo;
é o passar e repassar das
memórias antigas.”*

Machado de Assis, Dom Casmurro

A SIMPLICIDADE MORA DENTRO DE CASA

Adenora Giovana da Silva



Em 2019, minha jornada em João Pessoa se iniciou ao lado da minha família: meu pai, meu irmão e minha madrastra, que esperava a chegada da minha irmã. Essa mudança trouxe um turbilhão de emoções, fazendo-me refletir sobre a importância dos laços que construí ao longo da vida. A saudade apertava o peito, evocando memórias da terra onde deixei, com imenso pesar, minha mãe e meu irmão mais velho. Deixar para trás quem amamos nunca é fácil, não é mesmo? A distância física parecia imensa, mas o vínculo emocional permanecia firme.

Ao conhecer nossa nova casa, uma alegria genuína inundou o ambiente. Contudo, medo e incerteza entrelaçavam-se em meus pensamentos. O receio de não conseguir realizar meus sonhos nesse novo lar me assombrava; no entanto, a empolgação pelas novas possibilidades e experiências prevalecia.

Percebi que essa mudança fortaleceu os laços com meu pai e minha irmã, tornando-os um porto seguro em meio às incertezas. As memórias que criamos juntos moldavam nossa história e nos fortaleciam em tempos difíceis.

Durante os três anos que passamos juntos, colecionei lembranças preciosas e vivenciei transformações pessoais. Era como folhear um livro antigo, onde cada página trazia uma recordação vibrante e marcante.

Nossa rotina foi moldada pelos desafios da pandemia do Covid-19: acordar cedo com o nascer do sol, preparar refeições em família e mergulhar nos estudos. Não podíamos parar. A pandemia trouxe dificuldades, mas também nos ensinou a valorizar cada instante ao lado de quem amamos. Cada um desses momentos reforçava o laço entre nós e me fazia sentir que, embora distante de minha antiga vida, ainda havia espaço para a felicidade.

Os momentos compartilhados com meu pai tornaram-se verdadeiros tesouros, repletos de conversas significativas, ensinamentos e risadas — memórias que aquecem meu coração até hoje. As interações com minha irmã mais nova eram uma fonte inesgotável de alegria; ver seus primeiros meses de vida — correndo e sorrindo pelo quintal, pela sala e pela cozinha — despertava em mim uma esperança renovada. Sua inocência iluminava meu olhar para o futuro e todas as possibilidades que nos aguardavam.

Cada sorriso dela, ao murmurar as primeiras palavras e descobrir o mundo com olhos curiosos, me fazia sentir mais confiante para enfrentar os desafios da vida com determinação e otimismo. A esperança que crescia em meu coração ao contemplá-la permanece viva até hoje, guiando-me nas decisões do presente e inspirando-me a construir um futuro repleto de realizações. Esses instantes com minha família são como um abraço caloroso em dias frios, mostrando que o conforto emocional provém das experiências compartilhadas com quem amamos.

Relembrar essa época desperta em mim sensações únicas: a suavidade do sol matinal em meu rosto, o cheiro reconfortante da casa recém limpa que trazia uma sensação de aconchego. Recordo-me dos momentos tranquilos na rede com minha irmã na garagem, enquanto pensamentos repletos de esperança dançavam na minha mente. E você, caro leitor? Já parou para apreciar a beleza das pequenas coisas?

Hoje, ao olhar para trás, percebo que essa fase da minha vida foi marcada por uma felicidade autêntica — uma plenitude que me envolvia até nos momentos mais simples do cotidiano. Você já se pegou lembrando de tempos em que a felicidade parecia tão presente? Já parou para pensar que a simplicidade de uma casa pode abrigar a felicidade? A saudade daquela época é como uma melodia suave que traz à tona lembranças de um tempo em que a felicidade era mais intensa, a ansiedade menos opressiva e a melancolia menos constante.

ENQUANTO EU ESPERAVA O ÔNIBUS

Alessandra Faustino de Araújo



Entrei na faculdade aos 20 anos, mas só comecei minha trajetória profissional aos 21. Foi nesse momento que enxerguei uma esperança para o meu futuro. Quer saber mais sobre essa jornada? Vem comigo!

A pandemia de Covid-19 foi um grande desafio. Durante esse período, as oportunidades de trabalho desapareceram, minha saúde mental se deteriorou e o medo do contágio era constante. Eu me sentia perdida, mas, mesmo assim, buscava forças para estudar para o Enem, tentando encontrar um refúgio para a tristeza que me cercava. Era difícil lidar com tantos sentimentos negativos que pareciam afastar os meus sonhos de independência, de trabalhar na área que eu queria e de ter a liberdade para comprar o que sempre desejei.

Apesar de tudo, nunca fui de desistir. Em 2022, finalmente encontrei o impulso que precisava para me reerguer: entrei na UFPB. A felicidade foi imensa, embora soubesse que o caminho seria desafiador. Logo após iniciar a faculdade, veio outra conquista: meu primeiro emprego.

Descobri o processo seletivo da Coca-Cola por meio de uma amiga que reencontrei na faculdade de Pedagogia. Por coincidência, estávamos na mesma turma, e, em uma conversa, ela mencionou que trabalhava como assistente administrativa aprendiz na empresa e que as seleções aconteciam regularmente pela plataforma Gupy. Foi somente em julho de 2023 que consegui avançar nesse processo. Lembro-me das etapas: teste comportamental, preenchimento de informações pessoais, bate-papo e a entrevista com o gestor.

Depois de alguns dias de espera ansiosa, sempre verificando o site em busca de uma resposta, recebi um e-mail informando que havia passado para a etapa do bate-papo presencial com os recrutadores. Comemorei como se tivesse ganhado na loteria.

No dia da entrevista, tudo deu errado. Por ser feriado, o ônibus do bairro não passou no horário previsto e fiquei 40 minutos esperando na parada. Quando o ônibus finalmente chegou, faltavam apenas 20 minutos para a entrevista começar, e eu ainda precisava pegar outro ônibus na Lagoa que só passava a cada hora. A entrevista estava marcada para 13h10, mas às 13h eu já sabia que não daria tempo. Ali, parada e bem arrumada, com cabelo liso, blusa social preta, calça preta e coturno, vi minhas chances escaparem. Sem dinheiro para um Uber, sem ônibus e sem carona, voltei para casa e contei à minha mãe que não consegui ir. Depois, me tranquei no quarto, deixando a tristeza me envolver ao som de uma playlist de “Sad Songs” no *Spotify*.

Na segunda-feira, fui à faculdade e encontrei a amiga que havia me indicado para a vaga. Contei a ela o que havia acontecido, e, com muita empatia, ela me tranquilizou, dizendo que outras oportunidades surgiriam. Naquela mesma noite, ela me enviou uma mensagem inesperada: a empresa estava realizando uma seleção rápida na terça-feira às 8h da manhã. Era a mesma seleção da qual não consegui participar na sexta-feira e que tanto me frustrara.

Na terça-feira, sob uma forte chuva, fui para a entrevista, guiando-me pelos passageiros do ônibus, já que as janelas estavam embaçadas. Ao descer, segui alguns funcionários da Coca-Cola e, dessa vez, tudo deu certo. Passei na entrevista, me matriculei no curso de assistente administrativo do SENAI e comecei minha jornada no dia 17 de julho. E assim começou a história. Minha rotina passou a ser o curso nas segundas e terças e o trabalho na empresa de quarta a sexta.

Foi ali que descobri meu amor por refrigerantes, já que as geladeiras estavam sempre abastecidas para consumo dos funcionários, embora apenas na unidade. Era uma alegria pegar duas garrafinhas de vidro e aproveitar o momento, como se Coca e Fanta fossem para sempre.

Iniciei minha jornada no setor de segurança do trabalho, onde liberava EPs, atualizava planilhas, organizava documentações e relatórios de incidentes e acidentes, e realizava a integração de terceiros, explicando normas da empresa em uma apresentação de 78 slides. Mais tarde, fui transferida para o setor de expedição, onde também atualizava planilhas e usava equipamentos de segurança, devido ao tráfego intenso de empilhadeiras e caminhões.

A jornada foi divertida, especialmente graças a duas colegas de trabalho que tornavam o dia a dia mais leve. Ríamos, conversávamos e registrávamos os momentos nos lançamentos exclusivos da empresa. Havia dias em que chegávamos completamente molhadas pela chuva, já que o caminho da portaria até nosso setor era longo, e esquecíamos o guarda-chuva. Hoje rimos dessas situações, mas, na hora, o frio e a irritação eram intensos. Também enfrentei momentos como quando fui salpicada de lama por um carro enquanto esperava o ônibus e tive que voltar para casa toda suja. Em outras ocasiões, o ônibus quebrava no meio do caminho e eu acabava gastando o pouco dinheiro que tinha em um Uber.

Foram muitas histórias em um ano e dois meses de experiência e aprendizado. Acho que precisaria de um livro para relatar tudo o que vivi. Afinal, quem é CLT sabe que é preciso coragem e força para conquistar seus sonhos. De grão em grão, a galinha enche o papo, não é o que dizem? Os primeiros passos já dei, e foram incríveis. Mal posso esperar para me realizar em outras áreas da vida.

PÉS DESCALÇOS, ALMA LIVRE!

Aline Maria da Silva Lima



Você se lembra da primeira vez que sentiu a maciez da terra entre os dedos dos pés? Ou do sabor adocicado de uma fruta colhida diretamente da árvore? Minha infância foi repleta dessas sensações, na fazenda Maravilha, cidade do Conde, na Paraíba, onde a natureza era meu *playground* e os animais, meus melhores amigos. A cada dia, vivia uma nova aventura, explorando cada canto daquele paraíso. Só de cachorros eram dez, mas Piaba era a estrela da turma — a menor e mais brava, uma SRD baixinha e valente, sempre ao meu lado nas aventuras. Eu andava a cavalo, comia fruta direto do pé, subia nas árvores e corria pelos leirões de batata e feijão dos meus avós. Sentir a terra nos pés é libertador, não é? Se você já não lembra dessa sensação, deveria experimentar de novo um dia!

O pé de manga era meu refúgio, onde meu avô construiu um balanço que me levava para as nuvens. Eu usava aquele balanço de sonhos todos os dias, admirando o céu a cada subida e descida. Lembro com carinho do cheiro do orvalho da manhã, do café com leite quentinho (tirado direto da vaca) e da bolacha assada que amo até hoje. Minha avó também preparava pão caseiro, queijo de coalho fresquinho e frutas colhidas na hora — uma maneira perfeita de começar o dia, você não acha?

Ainda guardo na memória os detalhes das manhãs em que meu avô me levava para a escola em sua bicicleta vermelha.

No bagageiro, ele improvisava uma caixa onde eu ia sentada, feliz da vida. Eu amava nossas aventuras de bicicleta, e aquele vermelho rubi do "Mercedão", como ele a chamava, era fascinante. A bicicleta me levava aos sonhos, pedalando pelas estradas de terra, a poeira subindo e eu sempre pedindo para ele pedalar mais rápido, imaginando que era o nosso carro. O vento nos cabelos, o sol clareando o caminho, e o canto dos pássaros compunham a trilha sonora da nossa jornada.

À tarde, eu acompanhava meu avô até a cocheira, onde ele cortava capim para alimentar os animais. O cheiro do capim cortado é uma das minhas memórias olfativas favoritas. As noites eram sempre estreladas. Sentados na varanda, meus avós e eu contávamos histórias e observávamos as estrelas. Era um momento mágico, cheio de paz e aconchego.

Na fazenda, aprendi a respeitar a natureza e a cuidar do meio ambiente. Vi como tudo está interligado, como cada ser vivo tem um papel importante. Naquele tempo, meu mundo era mágico e meus sonhos, infinitos. Sonhava em viajar o mundo, conhecer novas culturas e fazer a diferença na vida das pessoas. Acreditava que o sucesso estava ao meu alcance, bastava perseguir meus sonhos com determinação.

Tenho tantas saudades da minha infância, e sei que você também deve sentir da sua! A vida, porém, me levou para outro caminho. Fui morar com minha tia na cidade, onde tudo era diferente. O barulho dos carros, as grades nas janelas, e a falta de espaços verdes me entristeciam. Na cidade, descobri que os sonhos têm um preço alto.

Com o tempo, aprendi que a felicidade não está apenas na realização dos grandes sonhos, mas também nos pequenos momentos.

As memórias da fazenda, o amor dos meus avós, e a simplicidade da vida rural me acompanham até hoje, dando-me força para enfrentar os desafios da vida urbana. Sinto saudade daqueles tempos, mas sei que as lembranças guardadas no coração serão sempre meu refúgio. As lições que aprendi lá me moldaram e me inspiram a viver cada dia com intensidade e gratidão. Respeito a natureza e os animais, tenho carinho pela agricultura, e valorizo as pequenas conquistas da vida.

Tenho o sonho de um dia voltar a viver em uma fazenda, para reviver e criar novas memórias desses momentos felizes. Por enquanto, carrego comigo as lembranças da minha infância e a certeza de que fui muito amada e cuidada. E hoje, sou eu quem pedala rumo à felicidade.

SER CRIANÇA NO SÍTIO

Alyce Liberato Verissimo da Silva



Era um lugar distante... duas, quase três horas de viagem, mas o tempo de espera valia a pena. Ao chegar em Belém - pequeno município localizado na Paraíba - seguíamos rumo ao sítio de tia Maria. À medida que nos aproximávamos, a bicharada se apressava para nos receber. Os cachorros eram os primeiros a notar a súbita movimentação dos carros, quebrando o silêncio que pairava no ar. As galinhas, por sua vez, agitavam-se, anunciando a nossa chegada. Ao entrar na casa, éramos recebidos com abraços calorosos, cheios de saudade. Tia Maria, com seu sorriso contagiante, nos conduzia à cozinha, onde eu sempre encontrava meu doce preferido: os deliciosos alfenins. Moldados em forma de animais, tinham cheirinho açucarado e derretiam na boca.

Nesse mesmo sítio havia um rio, que na verdade, só ganhava vida nas raras ocasiões em que chovia muito, e quando ocorria eu e meus primos aproveitamos para nos banhar naquelas águas geladinhas. Certo dia, inventamos de pescar ali, e pela primeira vez na vida fui à caça de minhocas no quintal da casa de minha tia. Lembro-me de hesitar um pouco para tocar nas minhocas, mas ao ver meus primos pegando-as com tanta destreza, criei coragem. Para nossa alegria, a pescaria foi um sucesso. Passamos um bom tempo em silêncio concentrados, para não espantar os peixes, e logo conseguimos capturar duas piabinhas, que com a mesma pressa que pegamos devolvemos ao rio, pois nossa intenção nunca foi comê-las.

Foi nesse sítio que vivi a melhor véspera de São João da minha vida. Uma grande chuva caiu nesse dia - o que, para muitos, poderia ser um impedimento para a festa - as lenhas da fogueira estavam molhadas, e o lugar encharcado. Mas, em vez de desanimar, decidimos focar no que tínhamos ao nosso favor, a chuva fez a cisterna transbordar, garantindo água para os afazeres domésticos por um bom tempo. A chuva demorou a passar, então eu e meus primos resolvemos tomar banho nela - e que decisão! Pulamos e brincamos no terreno do sítio, e ainda fizemos um "spa de lama" - e até hoje não sei como não peguei um bicho de pé nesse dia.

Antes de ir embora do sítio, eu sempre pedia à minha tia para me deixar alimentar as galinhas - uma tarefa que, para mim, era pura diversão. Ela me entregava uma bacia de margarina cheia de grãos de milho, e eu saía ao quintal, jogando o milho aos pouquinhos para ver a afobação das galinhas. A brincadeira seguia alegre até o momento em que as galinhas se irritavam e vinham correndo atrás de mim. Eu jogava a bacia para o alto e corria para dentro de casa, rindo e morrendo de medo de que elas me bicassem.

Nessas terras, eu costumava brincar muito com meus primos: era esconde-esconde, pega-pega, futebol e tantas outras brincadeiras. Eu me sentia mais conectada com a natureza, com os animais, e com o ser criança. O sítio tornava tudo mais especial, pois me permitia ter contato com coisas que não eram tão comuns na minha vida de criança urbana. Eu ia embora já pensando na próxima oportunidade de voltar... e mal sabia eu que, naquela época, tudo isso ficaria marcado na minha memória, e que nada nunca mais se compararia a ser criança no sítio.

E AGORA, JOSÉ? PODEMOS ANDAR JUNTOS?

Ana Juzzara Correia da Silva



Recordo-me de como costumava passear pela rua onde cresci, sempre sob o olhar atento da minha mãe, que parecia ter olhos de coruja. Cumprimentava a todos com um sorriso, desde a senhora mais idosa da rua e seus quatro netos até uma mulher que morava na outra ponta da via.

Minha comunidade era vibrante e cheia de vida. Havia um campo improvisado no meio da rua, que se tornava um verdadeiro palco para nossas brincadeiras. Na calçada da dona Nadja, montamos apresentações improvisadas, enquanto os balanços feitos em galhos de árvores nos levavam a aventuras sem fim. Era como se tivéssemos uma grande praça integrada às nossas casas, e, aos domingos, eu passava longas horas no sítio da vizinha mais rica, onde a felicidade da infância parecia se multiplicar em cada canto.

Todas as noites, as crianças da rua se reuniam em nosso grande campo para decidir qual brincadeira seria a escolhida da vez. A ansiedade pairava no ar: será que hoje jogaríamos baleada? Ou talvez um pega-pega animado? Nossas brincadeiras eram variadas, algumas alegres e rápidas, enquanto outras, como o cuscuz, podiam deixar marcas doloridas. Certa vez, José, um dos meninos que costumava brincar conosco, começou a chorar após levar uma bolachada nas costas de outro garoto. Era evidente que o ataque tinha sido intencional, uma forma de descontar os ciúmes que José havia causado ao abraçar uma menina pela qual o garoto estava apaixonado.

Aquela noite ficou marcada na memória, não apenas pela dor de José, mas pela complexidade das emoções infantis que se entrelaçavam em meio às nossas brincadeiras.

Foi nesse campo de diversão a céu aberto que vivi minha primeira paixão de adolescente. Aquela paixão inocente, que transformava o simples ato de pegar na mão da pessoa em uma fonte de felicidade e realização profundas. E, acredite, minha primeira paixão foi o José, o mesmo que levou a bolachada nas costas!

Na verdade, nunca passou de uma paixonite; nem mesmo trocamos um selinho naquela época. Apenas caminhávamos de mãos dadas pelas ruas, e, para minha surpresa, quase levei uma surra do meu pai por causa disso. Essas lembranças são repletas de uma inocência que hoje me faz sorrir, reavivando a magia dos momentos simples da adolescência.

Depois disso, eu e o José paramos de conversar e brincar juntos, sempre sob a ameaça de sermos vistos próximos um do outro. No entanto, a vida, que é uma verdadeira comediante, me surpreendeu. Anos depois, ao voltar à cidade para a despedida de uma amiga, reencontrei o José! Ele estava divorciado e tinha uma filha de dois anos. E, acredite, após esse reencontro, nos aproximamos e hoje somos um casal que divide o mesmo teto! Isso mesmo, depois de quase dez anos, nos encontramos novamente, lá, na mesma rua.

Eu costumava voltar sempre que podia, na esperança de reencontrar os poucos rostos familiares que ainda restavam. Mas, a cada visita, aquele lugar perdia a magia que tinha para mim.

A violência começou a tomar conta; os rostos já não eram os mesmos, e eu também não era a mesma ao visitá-lo. As casas abertas deram lugar a muros altos, e as tardes e noites movimentadas foram deixadas pela escuridão e pelo vazio. Hoje, quando volto, é apenas para encontrar minha sogra e a mãe de uma única amiga com quem tenho pouquíssimo contato. O passado, de fato, ficou no passado, embora, de alguma forma, tenha ressurgido através do destino, como uma fresta de luz.

ERAM TANTAS ANAS

Ana Laura de Moura Dias



Aos 19 anos recém-completos, eu era alguém sem esperanças. Jovem, inexperiente, a pandemia havia tirado cada pedaço de vontade que eu tinha, ou sequer sabia que possuía, de ser agora uma jovem adulta. Maturidade vinha aos 18, não? Então, por que parecia tão irrelevante? Eu me sentia triste, amargurada e até mesmo invejosa. Parafraseando Olivia Rodrigo, uma cantora *Teen pop* norte-americana: "A comparação estava me matando aos poucos." Meus amigos estavam entrando na universidade, e eu, sem uma nota de corte decente, não conseguia uma vaga numa instituição pública, e as privadas eram caras demais para mim.

Meus pais atravessavam dificuldades financeiras, e eu queria tanto poder ajudá-los, quem sabe ter dinheiro suficiente para pagar uma faculdade ou um cursinho preparatório para o Enem.

Foi então que vi, no Instagram do Governo Estadual da Paraíba, algo que poderia mudar o percurso dos meus dias monótonos e sem esperança. O anúncio brilhante, em tons de laranja, dizia algo como: "O Programa Primeira Chance e o Centro Integrado de Operações Policiais (CIOP) abrem processo seletivo para alunos egressos das Escolas Cidadãs Integrais Técnicas com bolsas no valor de R\$ 1.000!" E adivinhem só quem era uma aluna egressa da rede estadual? Exato, eu. Inscrevi-me com uma mistura de ceticismo e esperança. Minha mãe, contudo, estava radiante, mais esperançosa do que eu. Depois de tantos currículos enviados e tantas respostas negativas, eu estava quase desistindo. Mas, naquele momento, algo começou a mudar.

Com a inscrição feita, a espera pelo resultado se tornou uma rotina de expectativa diária. A cada manhã, renovava-se uma centelha de esperança. Quando saiu a lista parcial, lembro-me de procurar desesperadamente por meu nome em meio a tantos outros. Eram tantas Anas. Nunca julguei tanto meus pais por escolherem um nome tão comum, que parecia se perder na multidão. Quando não encontrei meu nome, desabei. Chorei como criança, soluçando em desespero. Minha mãe, sempre tão forte, me disse para ter fé, ler com calma e pedir a Deus, pois aquela vaga já era minha. Limpei as lágrimas e respirei fundo. Entrei novamente no arquivo e lá estava: meu nome, bem no meio da lista, oitava em quinze vagas. Parecia um milagre.

Dali em diante, foram semanas de cursos online com um professor incrível, cuja paixão pela escrita era contagiante. De agosto a outubro, cada aula era uma nova descoberta, um desafio que me aproximava da escrita criativa. E então, o grande dia chegou: 15 de outubro de 2021. O dia em que todos os jovens que passaram assumiriam seus cargos. O encontro foi em uma escola estadual no bairro de Mangabeira, cercado por policiais militares, bombeiros, professores e coordenadores do programa Primeira Chance. A tensão e o frio na barriga eram palpáveis; o local fervilhava de energia e expectativa.

Eles nos forneceram *kits*, nos introduzindo ao universo das chamadas de emergência da polícia militar e dos bombeiros, com suas expressões, números e códigos próprios, muitos dos quais ainda sei de cor. Fomos divididos em segmentos: alguns atenderiam as ligações dos bombeiros, enquanto a maioria ficaria com a polícia militar.

Tudo parecia surreal. O medo do desconhecido misturava-se com a excitação de começar algo novo. Cada rosto ao meu redor, alguns conhecidos da época de escola, outros estranhos, carregavam a mesma mistura de ansiedade e esperança. Eu sentia que, finalmente, estava no início de um caminho que poderia transformar minha vida.

O primeiro dia foi inesquecível. O lugar era iluminado, com paredes brancas e uma atmosfera antisséptica. Havia computadores para transcrever as fichas policiais, telefones, telões com câmeras de segurança. A área dos bombeiros tinha 10 cabines, e a da polícia militar, 15. Ainda estávamos em fase pandêmica, então usávamos máscaras, álcool em gel e álcool 70% em tudo. Ganhei meu headset, um fone com microfone e proteção auricular, que se tornaria uma recordação inestimável de um período tão marcante. Meu turno vespertino era dia sim, dia não. Conheci quatro colegas incríveis, todos universitários. Um deles estudava Pedagogia, e foi nessa época que me senti incentivada a tentar a Universidade Federal para essa licenciatura na qual estou até hoje.

Conheci quatro colegas incríveis, todos universitários. Um deles, cursava Pedagogia, e foi mais ou menos nessa época que me senti mais incentivada a entrar na universidade federal para tentar essa licenciatura na qual estou até hoje. Passei a estudar com mais afinco, inspirada por eles. Todos eram divertidos, e logo formamos um grupinho inseparável. Voltávamos para casa juntos, interagimos e criamos um lindo vínculo que perdura até hoje. Com o tempo, passei a ser mais confiante, especialmente em falar em público. Às vezes, as ligações que atendíamos eram de conteúdos difíceis e pesados, mas as convivências e as relações maduras que eu fui regando tornava tudo melhor.

Eu me sentia confortável naquele ambiente, e percebi que estava desenvolvendo habilidades que jamais imaginaria possuir como a calma, a tranquilidade e a organização. Serviu até para humanizar tanto a profissão de um policial, que por anos da minha vida, pareciam pessoas sempre fortes. Olhando para o meu headset na estante, em meio aos meus livros, penso no que teria sido de mim aos 19 anos sem aquela experiência. Eu era mais madura, mais feliz, cercada por amigos que me ajudavam a rir das adversidades da vida. As tardes eram boas e memoráveis.

Plantões natalinos, plantões eleitorais. Histórias tristes e inspiradoras. Salvei vidas, ajudei com minhas palavras. Lembro-me de ouvir em uma palestra TED que as palavras podem ter a suavidade de um chocolate derretido, escorrendo calorosas e reconfortantes para quem as recebe, a depender da forma nas quais são usadas através de seu timbre e sonoridade. Por meio do microfone do meu headset, acredito ter transmitido esse mesmo conforto a alguém em meio ao caos, trazendo um pouco de alívio em momentos de puro desespero. Por isso, sou grata ao poder que as palavras me deram.

Dizem que casa é onde o coração está, e se isso é verdade, então um pedaço do meu coração ainda permanece lá. Ao longo dos anos, eu me transformei: mudei o cabelo, as roupas, ganhei e perdi pessoas importantes na minha vida. Passei na Universidade Federal, no curso que amo, e hoje sou muito feliz. Cresci e me tornei adulta, mas ainda carrego em mim o coração de menina. Agora, existe uma nova Ana Laura (Alfa, Novembro, Alfa - Lima, Alfa, Uniform, Romeo, Alfa), confiante e cheia de fé, com esperança no futuro e sempre em QAP, na escuta.

BENJAMIN: O PEQUENO MILAGRE

Anna Karlla de Pontes Soares



O nascimento de Benjamin foi marcado por uma inesperada tempestade. Aquilo que deveria ser um momento de pura alegria transformou-se numa silenciosa batalha entre a vida e a morte. Ainda frágil, Benjamin enfrentou suas primeiras provações ao aspirar mecônio, privando seu cérebro do precioso oxigênio. Em poucos instantes, meu pequeno guerreiro foi levado às pressas para a UTI, onde a frieza dos tubos, sondas e medicamentos contrastava brutalmente com a delicadeza de sua existência recém iniciada.

Nos dias que se seguiram, tornei-me uma sentinela do amor. Com o terço entre os dedos, agarrava-me à fé como um náufrago à sua tábua em mar aberto. Implorei à Virgem Maria, roguei a Deus e supliquei, incansavelmente, pela vida de Benjamin. Minha gestação havia sido uma jornada solitária e, desde o início, sabia que precisava de uma força maior para sustentar a mim e ao meu filho. Em meio às minhas preces mais íntimas, sentia Deus sussurrar promessas de que tudo ficaria bem.

Assim, quando Benjamin foi internado na UTI, minhas súplicas se intensificaram. “Deus, você prometeu que tudo ficaria bem. Quero ir para casa com meu filho vivo e saudável!” Minhas palavras eram silenciosas, mas as lágrimas escorriam discretas pelo rosto. Lutei para despir-me do medo e permitir que o nervosismo se dissolvesse nas orações. Eu queria que Benjamin, mesmo tão pequeno, não sentisse a minha angústia quando estivesse ao seu lado.

Os dias se arrastavam como se fossem meses, e minha vigília persistia. A cada três horas, percorria os corredores do hospital para levar o leite que ordenhava, num balé silencioso entre o nono e o primeiro andar. Eram dias paradoxais: melhores, porque a vida pulsava ali, perto de mim; piores, porque não podia abraçar aquele ser tão desejado.

Então, na última visita à UTI, vi Benjamin sem o tubo que o mantinha preso à incubadora e longe dos meus braços. O alívio invadiu meu coração e, desta vez, as lágrimas eram de pura gratidão. Ali estava Deus, cumprindo Sua promessa. Quatro dias após o nascimento, segurei meu filho nos braços pela primeira vez. O sentimento era indescritível, uma mistura de alegria e reverência. Benjamin logo encontrou o peito, e ao amamentá-lo, senti uma conexão profunda, como se nossas almas se reconhecessem desde sempre. Ele foi transferido para o mesmo andar que eu, mas ainda não podia dormir ao meu lado. Mesmo assim, estar mais próxima dele já era um consolo. Na incubadora, ele chorava em busca de mim a cada duas horas, e as enfermeiras vinham me chamar. Dois dias depois, finalmente, fomos reunidos no mesmo quarto e logo veio a tão aguardada alta. Voltamos para casa, eu e meu bebê milagroso.

Benjamin, cujo nome em hebraico significa "filho da mão direita" ou "o bem-amado", desde então, nunca mais teve problemas de saúde. Aquele episódio tornou-se um divisor de águas em minha vida. Deus me ensinou sobre fé, esperança e a força do amor. Um dia, Benjamin testemunhará sobre os feitos do Senhor em sua vida. Sua história será sempre um cântico de gratidão e fé inabalável.

BARQUINHOS DE PAPEL NA CHUVA

Camila Alexandre de Lima



As lembranças da minha infância surgem com uma clareza quase mágica, como se a própria memória tivesse o poder de recriar aqueles momentos de maneira vívida. Brincávamos com a despreocupação de quem ainda não conhece as inquietações da vida. Nossa maior ansiedade era saber se, ao entrar em casa para beber água, conseguiríamos voltar para as ruas e retomar a brincadeira. Minha mãe usava essa estratégia com uma astúcia silenciosa, como se fosse uma forma de nos manter em casa.

Sinto uma saudade imensa dos velhos amigos e das brincadeiras simples: pique-esconde, dono da rua, amarelinha, pião e bolas de gude. No entanto, entre todas as memórias, uma se destaca com uma intensidade especial: um dia chuvoso que permanece vívido em minha mente.

Era uma daquelas tardes em que o céu se escondia sob um manto de nuvens cinzentas, e a chuva persistia incessante. As ruas estavam alagadas, formando pequenos córregos que serpenteavam pelos canteiros. Daniel, o namorado da minha mãe na época, fez um barquinho de papel e o colocou cuidadosamente na correnteza do córrego. Nós, a uma distância segura, observamos o barquinho flutuar e ser levado pela água, enquanto tomávamos banho de chuva e da água que escorria dos telhados das casas vizinhas. A cortina de água que molhava nossos rostos era como um bálsamo, proporcionando uma sensação de renovação e pura felicidade, quase como se estivéssemos lavando a alma.

Aquelas tardes memoráveis também eram marcadas pela presença de um senhor com um carrinho de doces de batata-doce e do rapaz que passava com um cabo de vassoura carregado de saquinhos de algodão-doce em diversas cores. O algodão-doce azul parecia um pedacinho do céu, e o rosa, sabor morango, era uma criação da nossa imaginação infantil. Trocávamos garrafas de vidro ou um real em notas de papel por essas guloseimas, transformando-as em pequenos festins de alegria. Ah, como eu gostaria de parar o tempo e reviver aqueles momentos de pura simplicidade e felicidade!

O tempo avança rapidamente, e, com ele, permanecem apenas as memórias. As cores vibrantes do algodão-doce e a sensação das tardes chuvosas continuam a ser lembranças queridas, imortalizadas no fundo do meu coração.

CUIDAR DE PLANTAS É UM JEITO DE CUIDAR DE GENTE

Cinthia Larissa Soares da Silva



Quando pensamos em saudade, associamos imediatamente a algo que perdemos, que está distante ou alguém que já partiu, não é mesmo? Pois bem! Acredito que também podemos sentir saudade de algo ou alguém que está perto. Falo da minha avó Isabel. O nome já evoca um toque de nobreza, mas a verdade é que ela mais parece uma heroína, uma verdadeira mulher-maravilha. Nascida em 1952, em Pitanga na Moisés, uma pequena cidade do interior da Paraíba, onde ela viveu com seus pais e cinco irmãos até a idade adulta. Hoje, aos 72 anos, minha avó é uma senhora repleta de vitalidade. Vaidosa como sempre, mantém seus cabelos encaracolados e tingidos de preto, afirmando: "Nunca vou assumir meus cabelos brancos." Sua pele negra, quase sem rugas, faz com que seja difícil acreditar que ela tem essa idade. Cuida de si mesma com a mesma dedicação que sempre teve à vida, passando babosa no cabelo e bebendo chás que acredita serem benéficos para a pele.

Atualmente, ela mora sozinha, e suas atividades se limitam ao cuidado do lar, à sua própria aparência, às idas à igreja e às memórias de uma vida inteira de trabalho. Desde os tempos em que vendia verduras em uma feira até o período em que trabalhava como doméstica, sua história é rica e cheia de esforço. No entanto, a solidão é uma companheira constante em sua vida.

Ela é a razão da minha saudade, mesmo estando viva e saudável. Com sua sabedoria e afeto, deixou um pedacinho de si em meu lar. Durante a semana, ela vem me visitar para cuidar das minhas plantas. Observa a terra, verifica se precisa de água ou se merece um vaso novo – cada uma delas foi um presente seu. Sempre traz uma nova muda ou um jarro, e assim conversamos um pouco. Acho lindo a forma como ela expressa seu amor. É o jeito dela de dizer: “Estou aqui, está tudo bem? Como posso te ajudar?” Com sua experiência, ela me aconselha e participa da minha vida.

Desde que nasci, morei em sua casa e ela acompanhou meu crescimento. Foram muitos momentos juntos. Lembro de um episódio quando ela estava retirando o gel da babosa, e eu, uma criança curiosa, acabei derrubando o recipiente. Ela estava prestes a me repreender, mas eu corri tão rápido que parecia uma bala. Essa lembrança ficou gravada em minha memória e sempre me faz rir.

Quer saber um segredo? Eu sei exatamente como cuidar das plantas, quais precisam de sol e quais preferem a sombra, mas finjo não saber, para que ela continue tendo seu espaço em minha vida e se sinta acolhida. Dessa forma, sua presença preenche a minha casa, e as plantas, sempre bem cuidadas, acrescentam um toque de leveza ao meu lar. Hoje, vó Isabel não é ausência, mas sei que, um dia, esses momentos se transformarão em saudades profundas.

O PRIMEIRO QUADRO NA PAREDE

Damiana Mariana Santos



Era uma tarde de maio quando, ao visitar a Praia do Jacaré, em Cabedelo, na Paraíba, me deparei com uma feira de artesanato vibrante. As lojas estavam repletas de artefatos decorativos, jarros de barro, quadrinhos de madeira e pinturas em azulejos, preenchendo o ambiente com um charme rústico. Cada peça, impregnada com o toque humano, evocava a sensação de uma casa acolhedora e me fez lembrar da simplicidade e riqueza da casa dos meus pais.

O cenário da feira despertou em mim uma profunda nostalgia, transportando-me para o sertão da Paraíba, para São José do Sabugi, um lugarzinho no meio do nada onde cresci. Aquele local, onde o pouco era muito e a alegria era abundante, representava a esfera ideal das nossas refeições em família. Lembro-me de uma noite em que a energia elétrica faltou e jantamos à luz de velas. A diversão era imensurável, com sombras de animais brincando e dançando nas paredes e, de repente, o eco contagiante dos vizinhos anunciando o retorno da eletricidade: “Chegooooou! Eeeeh!”

Recordo também das longas conversas com minha mãe, seus ouvidos atentos, seu olhar terno e suas expressões de afeto enquanto realizávamos os afazeres domésticos. Eu costumava dizer: “Mãe, só saio daqui quando tiver 30 anos, minha própria casa, um carro e um bom emprego.” Ela, com um sorriso doce e sutil, respondia: “Filha, seria ótimo se fosse tão fácil quanto falar. A única coisa que cai do céu é chuva, e às vezes, pedras.”

No final das tardes, sentávamos juntas na calçada, fazendo planos e sonhando com um futuro que parecia se desdobrar como uma novela, de um capítulo para o outro. A cidade era pacata, e todos se conheciam. Sem a tecnologia para manter contato, sabíamos das novidades do vizinho através de visitas e longas conversas, acompanhadas de uma xícara de café e um pedaço de bolo ou lanches caseiros, sem muito alarde.

Quando finalmente comprei meu apartamento na capital da Paraíba, lembrei imediatamente da promessa feita à minha mãe. Não foi aos 30 anos, mas aos 29. Meu sonho de menina se concretizava, e meu novo lar refletia o que aprendi com ela. Cada detalhe — desde a organização da louça até a mania de limpeza dela — é uma herança de valores que carrego comigo. A cor dos móveis, a Bíblia na estante da sala, tudo ressoava com a essência do lar.

Foi durante o passeio pela feira que encontrei uma plaquinha de madeira com a frase: “Lar Doce Lar.” Esse foi o primeiro quadro que pendurei na parede da minha casa. Carregado de significados e valores, ele simboliza minhas raízes e minha jornada até aqui. Cada vez que olho para ele, lembro-me de tudo o que vivi e do quanto a base familiar nos edifica. O que tenho e o que sou é resultado de bons exemplos e da crença inabalável de que, com fé, nada é impossível.

QUANTAS FAMÍLIAS A PARTIR DE UMA?

Esmeralda Sabrina da Silva Monteiro

Sou natural de Sapé, uma pequena cidade na Paraíba, carinhosamente conhecida como a terra de Augusto dos Anjos e da doçura do abacaxi. Hoje, estou na jornada dos meus sonhos como graduanda em Pedagogia. A rotina é cansativa, com a universidade localizada em João Pessoa, a aproximadamente 45 minutos de viagem. No entanto, sempre me lembro de uma frase que vi recentemente no Instagram: “Não posso reclamar daquilo que tanto pedi a Deus.” A vida é corrida, mas é imensamente gratificante.

A minha jornada não começou agora ou apenas alguns anos atrás, podemos dizer que ela se deu início no dia 04 de março de 2002, mas conhecido como a data do meu nascimento. As lembranças guardadas, aquelas que nos marcam, as que mesmo sem saber, serão sempre exaltadas! As viagens em família, as brincadeiras feitas, as comidas com cheiro de amor, são essas que ficarão. Mas e o “agora”? Agora, são famílias construídas a partir de uma. O casamento chegou ao fim, mas a minha irmã (filha mais velha) casou onde gerou duas crianças educadas, podendo acreditar que é um recomeço? A minha mãe encontrou uma pessoa que a ama e respeita, colocando-a em um pedestal, mais um reinício? O meu pai também encontrou uma pessoa e, ela costuma trazer as suas melhores versões, acredito que é mais um renovo, né?

Eu, a filha mais nova, vivenciei a turbulência da adolescência e o temor do desconhecido. A separação dos meus pais, a perda da proximidade com minha irmã, que sempre foi minha parceira e protetora, e o receio de ser esquecida, tudo isso parecia um fim iminente. Perguntava-me se havia espaço para a restauração.

As emoções conflitantes revelavam que, apesar das dificuldades, tudo o que passamos contribui para moldar quem somos hoje, seja para melhor ou para pior. Perguntava-me se havia espaço para a restauração. As emoções conflitantes revelavam que, apesar das dificuldades, tudo o que passamos contribui para moldar quem somos hoje, seja para melhor ou para pior.

No dia 3 de março de 2019, na véspera do meu aniversário de 17 anos, conheci uma pessoa que, sem saber, se tornaria crucial em minha vida. Conversamos, brincamos e nos tornamos amigos. O tempo revelou que, em um momento de grande confusão, Deus havia colocado essa pessoa em meu caminho. Eu acreditava que o casamento dos meus pais representava o padrão para todos os relacionamentos, e às vezes, o medo tomava conta dos meus pensamentos.

Em 12 de junho de 2019, veio o pedido de namoro, algo novo e encantador que trouxe alegria. Atualmente, estamos juntos há mais de cinco anos. No dia 6 de janeiro de 2024, recebi o tão esperado pedido de casamento. O noivado foi lindo e confirmou o que sentíamos, que fomos feitos um para o outro. Estamos construindo nossa nova jornada com planos e foco, determinados a alcançar todas as metas que estabelecemos.

As famílias têm um começo e podem perdurar por toda a vida, mas também podem se desintegrar, resultando na formação de novas famílias. Recomeços são uma parte essencial da vida. O casamento e a convivência familiar podem apresentar desafios, e enfrentar uma separação pode ser complicado. No entanto, quando as pessoas permanecem juntas apesar das dificuldades, é como ganhar na loteria. Assim, os recomeços são fundamentais.

MORADA ERRANTE

Esther Pinheiro de Almeida Monteiro



Ao refletir sobre onde meu coração repousa e sente saudade, apenas um lugar que me vem à mente: minha casa. No entanto, esse espaço nem sempre foi um refúgio de paz e acolhimento; ele se tronou isso ao longo dos anos. Durante a infância, morei na casa da minha avó, um lar coletivo que abrigava não só a família, mas também outros agregados. Com uma mãe “nômade”, nunca me apeguei a lugares fixos; eu mesma era a minha própria morada.

Naqueles anos, eu sentia necessidade de estar rodeada de pessoas para me sentir segura. No entanto, o lugar onde meu coração realmente se sentia em casa raramente estava ao meu alcance. A presença constante de tantas pessoas ao meu redor me deixava em estado de alerta; eu não conseguia me sentir verdadeiramente segura, sempre vigilante a tudo que acontecia ao meu redor.

A casa que mais me traz lembranças era uma pequena residência de veraneio, que por nós foi feita casa de morada. Contava com quatro cômodos e um quintal imenso, repleto de árvores e plantas. O muro lateral e o muro dos fundos cercavam o terreno, enquanto a frente era delimitada por uma cerca de arame farpado. A fachada era antiga, com janelas grandes e a pintura descascando. Localizada em uma rua de terra, em um tempo em que brincar na rua era comum, esse espaço era meu “cômodo” preferido. Na rua, eu encontrava um mundo lúdico e seguro, fugindo dos afazeres domésticos e dos meus medos.

Eu explorava tantos cantos: subia em árvores, tinha um clubinho com meus irmãos, comia mangas, jamelões, cajarana e maracujás. Meu quintal era mágico. Na rua, brincava de elástico, queimada, taco, amarelinha, bola, pião, e bolinhas de gude. Empinava pipas, andava de bicicleta e me escondia. Eu morava nas minhas amizades, nos jogos e na simplicidade das brincadeiras com meus irmãos. O vídeo game, novidade dos anos 90, também fazia parte do meu mundo. Fui muito pobre e muito rica, feliz e triste. Apesar de não querer viver ali, vivi um dia de cada vez, até que já não estava mais ali. Com o tempo, esse lugar transformou-se em um espaço onde a privacidade era um luxo. O tempo a sós e o sossego tornaram-se utopias, e a falta de tranquilidade tornava impossível estar lá tanto quanto eu gostaria.

Esse lugar se chama “minha casa”. Eu habito em mim mesma e, desde aquele tempo, entendi que sou o meu verdadeiro porto seguro. Ela nunca teve um endereço fixo; minha casa não é chão, não tem raiz. É onde eu vivo; a casa da minha vida sou eu. Minha casa é onde eu vivo, seja onde for. E não importa para onde eu vá, meu coração sempre chamará por essa casa sem lugar, sempre, sempre, meu lar.

O SOL NA CASA DOS 8 GATOS

Iago Anderson Soares de Oliveira



Em meio a debates emocionais e inquietações, um Sol inesperado apareceu na casa dos oito gatos, trazendo luz e calor ao meu coração. É uma casa muito bonita e espaçosa, um piso laminado de madeira, diversas decorações que remetem aos felinos, alguns retratos que sempre ficavam derrubados na bancada ao lado da mesa central, uma enorme televisão na sala, e com todas as quinas dos móveis levemente trituradas pelas unhas dos gatos. Este Sol, que chegou de forma inesperada, passou a residir na casa onde vivem duas mulheres e oito gatos. Uma dessas mulheres era minha irmã, Isis, e seu lar tornou-se um refúgio para mim em momentos em que minha mente estava desorientada — o que ocorria com mais frequência do que eu esperava. Embora o Sol estivesse presente, nem sempre conseguia iluminar completamente seu entorno. Havia momentos em que ele não percebia sua própria força, não entendia o motivo de sua presença ali e nem o verdadeiro significado de ter um lar.

A casa dos oito gatos nunca era silenciosa. Muitos miaus se espalhavam pela casa rompendo o sossego noturno ou matinal. Já os pelos de gato se espalhavam por todos os cantos, impregnando roupas e objetos, e era impossível identificar a quem pertenciam — se a Lilica, o Fofoca, o Simba, a Mel, a Pandora, a Felícia, o Coragem ou o Bigode.

Durante as madrugadas silenciosas, quando a casa mergulhava em sono profundo, eu me acomodava no sofá cinza escuro, marcado pelos arranhões do tempo e dos gatos.

O Sol também encontrava companhia nos gatos. Conversava com eles, perguntava sobre seu bem-estar, convidava-os para compartilhar momentos e os acariciava com carinho. Mas a vida para esse Sol não foi sempre simples. Seu passado, marcado por desafios e lembranças dolorosas, era um reflexo não dos gatos, mas das feridas deixadas pela própria vida. Esse Sol, que carrega um nome especial, é Ravy, uma estrela que brilhou pela primeira vez há apenas oito anos. Com sua nova família, ele trouxe consigo o significado de seu nome em sânscrito, "o próprio Sol".

Ravy é um menino de pele morena, com um pequeno sinal preto na bochecha direita, um sorriso sincero e cabelos castanhos escuros que se clareiam ao sol, revelando um tom de avelã. Dentro dele, há uma mistura de sentimentos, fruto das perdas que enfrentou ainda na infância. Sua chegada foi inesperada, mas trouxe luz e transformou a maneira de amar daqueles que o acolheram. Como uma estrela que ainda não compreende a força do seu brilho, Ravy iluminou minha vida e continua a fazê-lo até hoje, mesmo que muitos não o entendam e, por isso, o rejeitem.

Desde a chegada de Ravy, a casa dos gatos se transformou, tocando a vida de todos que ali viviam. Ele trouxe consigo um novo significado para a existência e nos permitiu testemunhar de perto o crescimento de uma verdadeira estrela. Apesar de as mudanças ainda serem recentes e os desafios constantes, desistir nunca foi, nem será, uma opção. Assim como os oito gatos foram acolhidos, eu também fui, e agora Ravy está trilhando o mesmo caminho de pertencimento.

E, sinceramente, sinto com profunda convicção que nada na vida é por acaso. A luz que ele trouxe vai muito além de simplesmente iluminar — é algo que só quem encontra uma luz verdadeira em sua vida pode realmente compreender.

O TERRAÇO, A VELHA CADEIRA DE BALANÇO E O PÉ DE JAMBO

Juan Marçal da Rocha



O bairro litorâneo do Bessa, em João Pessoa (a carinhosa Jampa), já nos anos 90 se destacava como um destino turístico em crescimento, cheio dos sons vibrantes dos veranistas que animavam as ruas. Em meio a todo aquele movimento, o terraço da casa da minha mãe tornou-se meu refúgio sagrado, um lugar onde o tumulto do mundo lá fora não conseguia perturbar a paz que ali encontrava.

Sob a brisa suave das tardes, ali eu e minha mãe compartilhávamos momentos que, até hoje, reverberam na minha memória. Ela, com seus cabelos brancos como a neve, era a personificação da sabedoria e da serenidade. Baixinha e magrinha, sua presença delicada realçava a profundidade de suas palavras. Seu olhar, sempre atento e acolhedor, me ajudava a enfrentar as angústias juvenis, como um farol que ilumina o caminho na escuridão. Sentada ao meu lado, na velha cadeira de balanço, sua voz suave e firme transmitia uma calma que me confortava profundamente. Jamais esqueci suas palavras, que repetia com frequência: “Meu filho, no céu você vale o que é; na terra, você vale o que tem”. Essas palavras permanecem gravadas em mim, um lembrete constante de que, apesar dos desafios, eu sempre teria um porto seguro em seus conselhos. Além disso, também sugeriam a importância de valorizar os estudos.

O terraço era o cenário desses momentos preciosos, adornado com plantas que ela cultivava com tanto cuidado. O aroma das flores se misturava com o cheiro da terra molhada.

No quintal à nossa frente, o pé de jambo que plantamos juntos destacava-se com suas folhas verdes e frutos vermelhos, testemunhas silenciosas das nossas confidências. A sombra acolhedora do jambeiro ainda guarda o quintal, preservando as memórias que ali construímos.

Desde que ela partiu, o terraço nunca mais foi o mesmo. A vida seguiu seu curso, mas aquele espaço, embora intacto, parece vazio sem a presença que lhe dava alma. Ela era mais do que uma confidente; era minha conselheira constante, o alicerce que sustentava meus dias. Ao revisitar essas lembranças, sinto um misto de saudade e gratidão.

Assim, a vida continua, mas a saudade persiste. O terraço tornou-se um lugar de lembranças, um símbolo do amor e da sabedoria que minha mãe deixou como legado. Embora eu saiba que não teremos a chance de nos reencontrar naquele terraço que nos acolheu, guardo a certeza de que, em algum outro lugar e em algum momento, nossos caminhos se cruzarão novamente. Até lá, a memória dela vive em mim, em cada conselho e em cada momento que compartilhamos naquele cantinho especial.

PÁSSARO QUE SONHA, NÃO VIVE EM GAIOLA

Izaiane da Silva Santos



Não sei bem como cheguei lá. Meu pouso naquela casinha não foi escolha minha. Após a separação de meus pais, fui lançada em um mundo de incertezas e encontrei um porto seguro na casa simples dos meus avós. Lá, eu, meu pai e meus avós dividíamos o mesmo espaço. Embora a convivência com eles tenha sido um processo demorado, aos poucos aprendi a valorizar o amor que, embora não fosse expresso da maneira que eu desejava, estava sempre presente na simplicidade de seus gestos.

A casa, antiga e pequena, talvez desprovida de beleza para muitos, era para mim um verdadeiro repositório de histórias inesquecíveis. Localizada na tranquila cidade de Nova Cruz, no interior do Rio Grande do Norte, em uma ruazinha calma, era lá que eu vivi minha infância. O terreiro de barro, que eu ajudava a varrer todas as manhãs, se tornava o cenário de tantas brincadeiras e memórias. As vozes das vizinhas misturavam-se com as risadas das crianças que corriam felizes por ali. À noite, sentávamos na calçada, sob o céu estrelado, e as conversas fluíam, leves e despreocupadas.

Era um tempo bom, de risadas e cumplicidade, com até mesmo uma "calçada da fama" para quem ali se reunia. Quem não sente saudades das conversas e fofocas compartilhadas na calçada da vizinha? Dentro da casa, a ornamentação era simples, no estilo acolhedor dos meus avós: um sofá de três assentos, um armador para pendurar a rede, uma estante que abrigava a disputada televisão e um cachorro de gesso decorando o ambiente. Naquele ambiente nos reuníamos para assistir à novela e ouvir as histórias que meus avós contavam. Eu adorava aqueles momentos.

Naquele ambiente nos reuníamos para assistir à novela e ouvir as histórias que meus avós contavam. Eu adorava aqueles momentos.

Amadureci antes do tempo, carregando responsabilidades que pesavam além da minha idade, enquanto meus avós, já cansados, testemunhavam minha jornada. Dentro de mim, crescia o desejo de voar, de alcançar horizontes além daquele ninho que conhecia tão bem. Mas a segurança daquela casa não seria eterna. Um dia, sem aviso, a tristeza chegou: primeiro, meu avô se foi; depois, ela, minha avó, o pilar que sustentava nossa família. Seus olhares saudosos se despediram, deixando um vazio profundo que parecia não ter fim.

O tempo passou, e eu cresci. Na rebeldia da juventude, fui me afastando pouco a pouco daquele ninho que, aos meus olhos inquietos, já não parecia mais tão acolhedor. Como um pássaro que ansiava escapar da gaiola, não enxergava o abrigo que ali tinha. O que antes fora um lar aconchegante, tornava-se pequeno para os sonhos que se agitavam dentro de mim.

E então, o momento do voo chegou: parti, e com essa partida, dei início a uma nova história, uma nova versão de mim mesma. Construí uma nova família ao lado do meu marido e do nosso maior presente, nosso filho. Hoje, ao olhar para ele, compreendo que a menina que fui moldou a mulher que me tornei.

Descobri que voar é mais desafiador do que imaginava, especialmente agora que carrego em meus braços o fruto do meu amor. Quando o coração aperta, revisito as gavetas onde guardo minhas melhores memórias, e lá encontro aquela casinha que um dia foi meu ninho. Nessa viagem interior, me reconecto com a menina que viveu ali e tudo o que ela me ofereceu.

As risadas que ecoavam pelas calçadas tornaram-se mais silenciosas, a rua, antes tranquila, agora parece mais agitada, e o tempo de olhar as estrelas tornou-se mais escasso. A casa mudou: ganhou novos móveis, outra cor, um cheiro diferente, mas perdeu seus personagens principais. E, apesar dessas transformações, as lembranças permanecem, como velhas canções que resistem ao tempo. Guardo comigo o cheiro, as histórias, os sorrisos e os olhares.

Só sentimos saudade do que foi bom. E, ao refletir, percebo que me preocupei tanto em voar que, muitas vezes, não reconheci a felicidade que o simples me proporcionava. Hoje, quando fecho os olhos, voo de volta ao meu ninho, reabasteço meu coração e retorno à realidade. A mulher que sou hoje agradece por tudo que viveu naquela casa. Cresci, o tempo passou, mas carrego comigo cada ensinamento. Eu vivi, precisei voar, e voei. Agora, transformada, sei que me tornei a melhor versão de mim mesma.

VOVÓ ME AJUDAVA A “ROUBAR” MEU PRÓPRIO COFRINHO

Karla Alves Marinho dos Santos



Eu tinha exatamente dez anos e dois meses quando perdi minha querida avó, Dona Neuza — como todos a chamavam com carinho. Ela foi levada por uma doença degenerativa, de forma lenta e dolorosa, deixando um vazio enorme em nossas vidas. Dona Neuza era aquela avó que fazia de tudo para ver o brilho nos olhos e o sorriso no rosto de seus cinco netos. Ela era a avó que toda criança sonharia em ter. Na sala de sua casa, havia uma estante repleta de bombonieres, cheias dos mais variados bombons e doces que eu já vi. Lembro-me de dizer às vizinhas que minha avó devia estar vendendo doces, pois nunca tinha visto tantos em um só lugar, exceto nas vendinhas de rua. Ela era a melhor avó do mundo — a mais amorosa, a mais atenciosa e a melhor cozinheira que já conheci.

Quando eu tinha por volta de sete ou oito anos, lembro que minha avó comprou para si um cofre de barro em formato de porquinho. Era grande, com um tom terroso, e eu ficava imaginando quantas moedinhas poderiam caber ali dentro. Ele ficava escondido dentro do guarda-roupa dela, e sempre que voltava da rua, ela colocava algumas moedas lá. Como toda criança, eu não podia ver uma moeda que logo queria pedir, e vivia insistindo até que ela finalmente cedia e me dava algumas. Mas eu nunca sabia onde guardá-las, e muitas vezes acabava perdendo. Outras vezes, pedia para ela guardar para mim, e assim seguíamos nossa rotina.

Até que um dia, ao voltar da feira, minha avó me trouxe uma surpresa — algo que ela sabia que eu amaria. Era um cofrinho de barro, igual ao dela: do mesmo tom terroso, com um focinho redondinho, furinhos que imitavam as narinas de um porco de verdade, e um rabinho que era a coisa mais engraçadinha. Eu achei aquilo o máximo. Embora fosse pequeno, para mim era o suficiente, pois agora eu não perderia mais as moedinhas que ela e meu avô me davam. Ter meu próprio cofre era uma das minhas maiores alegrias, ver o meu “porquinho” ficar pesado com as moedas que recebia.

Com o tempo, surgiu um dilema: como tirar as moedinhas do porquinho sem “matá-lo”? Minha avó, sempre engenhosa, pegou uma faquinha de serra, colocou-a na fenda por onde as moedas entravam, e balançava de um lado para o outro até que elas comesçassem a cair. Sempre que eu queria “roubar” minhas próprias moedas — e isso acontecia com frequência — era à minha avó que eu corria.

Hoje, aos 23 anos, a saudade de Dona Neuza é uma presença constante em minha vida. O “porquinho”, embora com algumas marcas do tempo e arranhões, ainda está comigo. Ele já não guarda mais moedas, mas agora é um item de decoração no meu quarto — um cofre de saudades, repleto de lembranças de uma infância marcada pelo amor de uma avó que foi tão querida. Um cofre que guarda a memória de Dona Neuza e de tudo o que ela significou para mim.

SE CRESCER, VOLTE PARA O PASSADO

Kaylane Alves Marinho dos Santos



Quando criança, eu sempre admirei a vida adulta, imaginando que toda a liberdade que eu sonhava viria com ela. Naquele tempo, lembro da alegria que sentia ao ver as fotos de uma prima distante no Orkut, uma rede social famosa nos anos 2000, algo parecido com o Instagram de hoje. As fotos dela eram de viagens — tanto nacionais quanto internacionais — e, para mim, aquilo era fascinante. Mas havia uma imagem em particular que sempre me chamou mais atenção: um lindo céu azul, minha prima sentada nos primeiros degraus de pedras calcárias em tons terrosos, em pleno deserto. Ela estava aos pés de uma das pirâmides do Egito. Aquilo parecia coisa de outro mundo. "Como alguém chega lá?", eu pensava. "Naquela enorme 'coisa' que só existe nos filmes." Na minha cabeça, apenas adultos poderiam realizar feitos tão grandiosos, como viajar para tão longe. Eu sonhava com o dia em que também seria adulta, viajando pelo mundo, visitando lugares que só conhecia por meio de séries de TV, como Nova Orleans, ou explorando os campi das universidades da Ivy League que via nos filmes. Eu almejava a liberdade de ir e vir quando quisesse, sem entender ainda a complexidade por trás daquela foto.

Durante a adolescência, na escola, eu me via — e fazia com que os outros também me vissem — como uma pessoa mais madura do que meus colegas. Naquele espaço, eu me perguntava se era só eu ou se mais alguém ansiava pelo fim daquela fase, desejando conseguir um emprego, entrar na universidade, formar uma família, ser adulta.

De algum modo, meu subconsciente sempre associou o sucesso à vida adulta. Eu nunca entendia por que os adultos insistiam em dizer que eu deveria aproveitar a adolescência, quando, para mim, a melhor época da vida ainda estava por vir, cheia de promessas da maioridade e de tudo o que ela traria.

Agora, adulta — ou como ousou me chamar, uma jovem senhora de 21 anos —, finalmente entendo por que os adultos não contam a verdade sobre suas vidas para as crianças e os adolescentes. Os sonhos de viagens grandiosas se restringiram a viagens regionais, como ir a Pernambuco visitar parentes ou conhecer a cidade de Ponta Negra e o Morro do Careca, no Rio Grande do Norte. Continuam sendo viagens, mas sem aquele brilho sonhador.

Sim, a vida adulta pode ser cheia de sucesso, como tirar uma foto aos pés das pirâmides do Egito em uma tarde de férias, ou talvez não. Mas, em qualquer forma, ela exige algo muito difícil de nós: renunciar a coisas que amamos, incluindo a indescritível liberdade que eu tanto admirava quando criança. Tudo se torna responsabilidade, um fardo que não podemos largar, diferente dos dias chuvosos da infância, quando faltar à escola significava apenas assistir desenhos, enrolada no sofá.

Quero deixar claro que não tento desencantar a visão da vida adulta. Com esforço, ela também tem seus momentos bons e confortadores. No entanto, o que mais sinto falta da minha infância são as três coisas que definiam aqueles tempos: esperança, liberdade e sonhos.

O BATOM VERMELHO E OS OLHOS VERDES DA VÓ LEÔNIA

Carissa Azevedo Farias dos Santos



Era o tempo do colegial em João Pessoa, e eu me via mergulhada em um oceano turbulento de medos e dúvidas. Cada onda de incerteza parecia engolir minha confiança, fazendo minha autoestima encolher até se tornar tão pequena quanto um grão de arroz, insignificante e facilmente perdido na vastidão do mar. Eu navegava por águas emocionais tumultuadas, onde cada sentimento era uma corrente que desestabilizava meu barco interior. Nos dias mais difíceis, eu me sentia como um barco à deriva, num mar revolto de inseguranças, onde a opinião alheia era a tempestade que ditava minha direção. Cada olhar e palavra dos outros eram como ventos furiosos, inclinando meu mastro e distorcendo minha rota.

Na escola, às vezes encontrava momentos de alegria, como raros fios de sol rompendo um céu nublado. Contudo, a maior parte dos meus dias era um desfile sombrio de crueldade e zombarias. Minha altura desmedida, minha magreza e meus cabelos cacheados eram vistos como uma afronta à padronização. Nos corredores, eu era a palhaça de um circo cruel, onde olhares maldosos e risadas abafadas esperavam ansiosamente pelo espetáculo da minha desgraça. Cada risada, olhar e comentário cortava como uma lâmina afiada, alimentando minha ansiedade e uma tristeza crescente no coração.

Mas, em meio a esse caos emocional, havia um refúgio para mim: minha avó Leônia. Ela era um farol de calma e beleza em um mar de tormentas.

Seus cabelos lisos como seda e seus olhos verdes, brilhantes como esmeraldas, contrastavam com a escuridão que me cercava. Minha avó personificava doçura e força, uma mulher cuja coragem se erguia como um pilar inabalável. O que tornava vovó ainda mais especial era sua vaidade encantadora e carinhosa: seu batom vermelho.

Ah, como ela amava aquele batom! Era um tesouro, uma joia que ela aplicava como se fosse um ritual sagrado. Até para uma simples ida à padaria, vovó não dispensava o batom. Para ela, o batom vermelho não era apenas um cosmético; era uma armadura de alegria e autoconfiança. Quando o aplicava, era como se vestisse uma roupa mágica que a fazia sentir-se elevada, nas alturas em meio ao céu.

Minha avó sabia do meu sofrimento. Ela sempre foi minha confidente, o santuário onde eu encontrava coragem para desabafar minhas angústias. Ao ouvir sobre as crueldades da escola, ela ficava enfurecida, como um leão defendendo seu filhote. Seu coração se enchia de um sentimento de proteção, determinado a me defender da arrogância e da falta de empatia. Ela estava pronta para lutar contra os fantasmas que assombravam minha vida, usando o que tinha de mais bonito: sua força, sua coragem e, claro, seu batom vermelho — símbolos de resistência e amor.

Com o tempo, eu compreendi o verdadeiro significado daquele batom vermelho. Não era apenas sobre a cor ou o cosmético; era uma lição de amor-próprio e coragem para enfrentar o mundo com confiança.

Comecei a me ver através das lentes da autoestima, aprendendo a não me importar com as opiniões alheias e a me aceitar e amar com a mesma intensidade que minha avó sentia ao usar o batom.

Finalmente, encontrei minha própria chave para a felicidade e para enfrentar minhas inseguranças. Com meu batom vermelho — agora não mais apenas um tributo à vovó, mas uma lembrança constante e pessoal —, abracei minha verdadeira essência. Essa memória ficou gravada em minha mente como um símbolo de transformação e coragem. O poder do inesquecível batom vermelho desvendou a porta para minha própria felicidade e paz interior.

1,2,3 PLIÉ

Lidiane do Nascimento Souza



Quando eu era pequena, a escola era o meu universo encantado. No bairro de Manaíra, em João Pessoa, ficava a escola Nazinha Barbosa, com sua estrutura imponente de dois andares. O ponto alto da escola era o auditório, o maior espaço de todo o prédio, onde os ensaios ganhavam vida. Ali, entre risos e nervosismo, sonhos e expectativas se encontravam. Com apenas 8 anos, eu me deixava encantar por todas as atividades que a escola oferecia. Futsal, judô, balé... eram tantas opções! Embora sempre tenha admirado profundamente o balé clássico, com sua delicadeza e precisão que tanto fascinavam a menina que eu era, acabei me rendendo ao balé contemporâneo.

Naquele tempo, o balé contemporâneo estava dividido em duas turmas por faixa etária. Eu estava na turma dos menores, mas sonhava em estar com os mais velhos, cuja técnica era mais refinada e as coreografias, mais intensas. Porém, a ironia do destino fazia com que meu responsável frequentemente "esquecesse" o horário final das minhas aulas, e eu acabava assistindo às aulas dos alunos mais velhos.

Assim, quisera o destino que rapidamente eu aprendesse os cinco passos principais da dança e a coreografia da turma. Entretanto, o plié era um desafio. Superado esse obstáculo, fui convidada para participar de uma apresentação com a turma dos maiores, tornando-me a mascote que traria sorte à equipe. Naquela tarde, rodei, brilhei e executei o plié novamente, sentindo a alegria pura da dança e a admiração dos colegas. Aquele dia no palco foi inesquecível.

Eu estava deslumbrante, vestida com um traje vermelho e dourado, sentindo-me como uma boneca encantada nas mãos das minhas colegas mais velhas. A sensação de ver meus pais na plateia, testemunhando pela primeira vez meu brilho sob as luzes do palco, foi um sonho realizado. Sempre quis estar ali, e agora, finalmente, eu estava.

Após essa estreia mágica, comecei a frequentar as aulas das duas turmas. O amor que sentia pela dança crescia a cada passo, a cada ensaio. Os festivais se tornaram uma parte adorável da minha vida; eram eventos anuais que tornavam cada temporada ainda mais especial. Nesse momento da minha vida, a dança era a forma como minha alma se expressava. Eu me sentia plena, encantada pelas produções com coreografias que me prendiam. As aventuras da Barbie e as doze bailarinas sempre foram e continuam sendo meu filme favorito, junto com "O Quebra-Nozes" e "Lago dos Cisnes". Cada movimento e cada história dançada ressoavam dentro de mim, trazendo uma alegria que só a arte poderia proporcionar.

Na adolescência, meu entusiasmo se voltou para a franquia "Se Ela Dança, Eu Danço", uma série de filmes sobre competições e diferentes estilos de dança. O primeiro filme foi lançado em 2006 e o último em 2019. Minha prima Adriana, que também era apaixonada pela dança, foi quem me apresentou a essa franquia. A magia das histórias despertava em mim sonhos de coreografias e palcos, além de uma admiração profunda pela beleza da dança. Minha professora Edna, exigente e dedicada, sempre me apoiou com entusiasmo. Sinto imensas saudades dela, pois, infelizmente, perdemos o contato ao longo dos anos.

Hoje, embora eu tenha deixado a dança para trás — não por escolha, mas por imposição dos meus responsáveis legais — uma parte de mim ainda anseia por ela. Sinto um orgulho especial ao saber que minha irmã mais nova também herdou esse amor, participando de espetáculos em palcos que eu também conheci. No meu íntimo, continuo a nutrir essa paixão através da música e dos eventos que costumo acompanhar. Ouvir Mozart e Beethoven, assistir às apresentações do Ballet Bolshoi e outros espetáculos alimentam essa chama interna e eterna. A paixão pela dança nunca se apagou; ela permanece viva em cada lembrança que evoco.

O NOVO MORADOR DA RUA: UM SOFÁ VELHO, SUJO, CHEIO DE BURACOS E MANCHAS

Corranny Almeida de Lucena

Numa tarde de sol, quando o céu se vestia de azul e o vento sussurrava segredos entre as folhas das árvores, um sofá velho foi descartado ao lado da vila onde eu morava. Recordo a cor verde desbotada do pobre coitado, que ficou bem-posicionado em um canto do muro, onde uma sombra fresca repousava. Ele permaneceu ali por muitos meses, uma testemunha silenciosa do tempo que passava.

A chegada desse novo "morador" trouxe incômodo aos adultos; minha mãe, por exemplo, me alertou para não brincar nele, pois o considerava velho, sujo, cheio de buracos e manchas. Obviamente, ela não enxergava o potencial escondido naquele objeto, que, para mim, se transformaria em uma ótima oportunidade de brincadeira. Eu me esparramava sobre ele, de pernas cruzadas e braços apoiando a cabeça, sentindo-me como se estivesse na praia ou em qualquer lugar que minha imaginação desejasse.

Sinto a necessidade de compartilhar com vocês porque aquele injustiçado sofá me cativou. Primeiro, até aquele momento, não tinha muitos móveis em casa, o que já é uma boa justificativa para eu ter amado aquele sofá. Em segundo lugar, naquela época, fiz várias descobertas sobre mim mesma. Descobri que adorava observar as coisas, e aquele lugar me convidava a entrar em contato com o universo em expansão que havia dentro de mim.

Eu podia passar tardes olhando para o céu, observando as nuvens passarem, imaginando como seria tocá-las e sentindo o vento fresco no rosto, envolvida pela paz daquele momento. Não me lembro de muitos episódios agitados da minha infância, mas aquelas horas intermináveis, em que o sofá se transformava em casa, navio ou muralha, eram tudo o que eu precisava.

Minha rotina diária sempre envolvia longos períodos sozinha, e o silêncio não era necessariamente triste; aprendi a transformar aquele silêncio em reflexão. E quem pode saber sobre o que uma criança reflete? Cada dia guardava um segredo, um ideal de um futuro que sonhava. Como seria ter meu próprio sofá novinho em folha? Por que as outras crianças não aproveitavam aquele sofá da mesma forma, já que ele era perfeito para isso? Mesmo indo contra a natureza infantil de sempre estar aprontando, eu precisava apenas de algumas horas para que minha imaginação fluísse, enquanto meus pais me alertavam sobre um mundo lá fora que se tornava cada vez mais cinza. Ali, naquele lugar, havia a paz que eu desejava para o mundo. Como um objeto tão simples e descartado poderia ter presenciado vislumbres do que eu me tornaria? Como ele conseguiu me mostrar tantos traços de quem eu sou?

Sem dúvida, a lembrança daqueles momentos, do tempo que eu podia passar sem remorsos, com suas alegrias e simplicidades, foi um presente precioso que a vida me ofereceu. Um tempo que, embora não volte mais, permanece vivo nas páginas da minha história e que me ensina muito sobre mim.

UM QUARTINHO PARA CHAMAR DE MEU

Maria Camille Ferreira de Ataíde



Éramos três: eu, minha mãe e meu pai, morando numa singela casinha nos fundos do quintal da minha avó materna, que chamo carinhosamente de Mãe Lia, na cidade de Sapé, no interior da Paraíba. Nossa casa tinha apenas um quarto, um banheiro, uma sala e uma pequena cozinha. Vivemos lá desde que nasci até meus incompletos nove anos. Foram tempos bons, marcantes, mas também conturbados, dos quais eu não entendia muito bem. Sentia-me como num jardim alheio, com o encanto do lugar, mas sem o verdadeiro pertencimento e tranquilidade que um lar deveria oferecer.

Meu sonho era ter uma casa com um quarto só para mim, ou ao menos um pouco mais de espaço para brincar e estudar. Desejava um lugar onde eu pudesse convidar minhas amigas para fazer atividades da escola, assistir a filmes com lanche da tarde e até bagunçar um pouquinho. Quem nunca sonhou com um cantinho para fazer uma noite do pijama com as amigas? Talvez esse desejo viesse do fato de eu ser filha única, sentindo-me um pouco sozinha, como uma árvore no meio de um campo aberto, sem outras folhas ao redor para compartilhar a sombra.

Depois de muita luta e esforço dos meus pais — principalmente da minha querida mainha — conseguimos comprar um terreno na rua conhecida como Lourenço do Feijão, perto da Jarambada, próximo da casa dos meus avós Bené e Deda, que sempre preparava uma sopa de feijão maravilhosa para mim. Lembro-me da alegria indescritível de ver o sonho do meu cantinho finalmente se concretizando.

Quando nos mudamos para a nova casa, no entanto, meu pai logo deixou de estar presente. Ficávamos eu e minha mãe, e vivemos momentos assustadores, dominadas pelo pânico constante. Perdi as contas de quantas madrugadas passamos acordadas, temendo pela chegada de uma notícia ruim sobre ele. O sonho de viver feliz em minha casa foi por água abaixo.

Foram anos de sofrimento. Na transição de criança para pré-adolescente, com os hormônios à flor da pele, carregava uma angústia que parecia pesar mais que o mundo, trazendo conflitos e traumas que deixariam marcas profundas na minha vida. Então, num certo dia do mês junino de 2015, meus pais se separaram, e eu e minha mãe voltamos a morar na casa de Mãe Lia. Eram apenas nós três. Permanecemos juntas por muito tempo. Cresci, me tornei adolescente, depois adulta, mas o sonho do meu cantinho ainda permanecia dentro de mim, mesmo que em um tamanho insignificante, sempre ali.

Minha avó era bastante religiosa, sempre rezava para seus santinhos. A casa vivia cheia de gente de domingo a domingo, mas era na quarta-feira à tarde que as senhoras se reuniam para rezar e fazer um delicioso lanche. A casa era uma festa. Eu, mergulhada em conflitos internos e rebeldia, não percebia a felicidade nas coisas simples. A tristeza me dominava como um oceano profundo, engolindo todos os meus pensamentos, até o dia em que perdi meu pai de forma abrupta e traiçoeira, como uma flecha venenosa que perfura o coração. Meu mundo desabou.

Imersa na dor do luto, uma notícia vinda dos céus trouxe um novo sopro de vida: a casa! Eu e minha mãe conseguimos, após muito procurar, comprar o nosso lar. Voltei a sentir uma alegria que mal cabia dentro de mim. A casa era aconchegante, não muito grande, mas com espaço suficiente para preencher com amor. Hoje, somos só eu e mainha, como duas irmãs e amigas. Posso dizer que vivemos felizes como cão e gato — afinal, nenhuma família é perfeita. Finalmente realizei o sonho de ter uma casa de boneca, onde posso convidar meus amigos e, mais importante, um quatinho para chamar de meu.

QUEM RABISCA TRAÇOS, PINTA SONHOS

Maria Clara Santos



Quando eu tinha entre sete e nove anos, comecei a desenhar. No entanto, nunca me sentia satisfeita com os rabiscos que produzia. Era sempre o mesmo erro: um traço fora do lugar, que, ao tentar corrigir, acabava manchando o papel. A frustração crescia, e, sem pensar duas vezes, eu rasgava o desenho. Até hoje, me lembro claramente dos papéis amassados, das pontas de lápis quebradas, resultado de uma pressão excessiva ou de uma leveza que não condizia com o traço que eu queria. Mais grosso, mais fino, com ou sem sombra... tudo era confuso, e minha cabeça parecia explodir a cada tentativa frustrada.

Foi então que descobri o “cobrir”. Imprimia um desenho, colocava uma folha por cima e começava a traçar. Ah, como eu me sentia orgulhosa! Por alguns instantes, me via como o próprio Picasso. Mas, como tudo, essa fase também passou. O orgulho durou cerca de nove meses, talvez menos. Um dia, algo mudou: aquilo já não era o suficiente. A cópia não me satisfazia mais. Decidi, pela primeira vez em muito tempo, tentar criar algo a partir da minha imaginação. O resultado? Um fracasso absoluto, mas nada fora do esperado. Eu me vi, então, com um lápis 1.0 nas mãos e uma borracha ao lado, encarando uma folha em branco. Eu não fazia ideia do que criar. Após longos minutos de indecisão, levantei-me, guardei tudo em um móvel rosa que tinha no quarto e fui assistir Pucca, meu desenho favorito.

No sétimo ano do fundamental, a vontade de desenhar ressurgiu, dessa vez durante uma aula de artes. Lembrei-me de todas as tentativas frustradas do passado e me perguntei: “Será que eu consigo agora?”. E consegui. Fiz uma linda flor. Mas, logo em seguida, estraguei-a com a pintura, meu ponto fraco. A pintura não era apenas uma tarefa; era uma forma de expressão, e, por mais que eu quisesse liberar o que sentia, parecia que algo ainda estava preso dentro de mim.

Meus pais, ao perceberem meu interesse, começaram a comprar livrinhos de desenhar e colorir. Aos poucos, fui aprendendo novas técnicas e experimentando diferentes tipos de traços. Hoje, olhando para trás, vejo o quanto evoluí, mais do que jamais imaginei. Já cheguei a desenhar até em paredes, usando lápis, e depois pinteí com diversos tipos de tinta. O processo de sair do papel e explorar outras superfícies foi longo. Passei incontáveis horas diante de telas, buscando desenhos que pareciam simples, mas, de alguma forma, sempre me pareciam incrivelmente complexos. Minha mente quase explodia com tantas técnicas diferentes, e me perguntava: seria a escolha do lápis? Ou talvez apenas a falta de prática?

Esse novo momento de descoberta me levou a buscar mais aperfeiçoamento. Usei aplicativos que ensinavam a esboçar e finalizar a arte. Mas, sinceramente, eu detestava esses esboços. Em vez de ajudar, pareciam me atrapalhar, deixando-me ainda mais frustrada. Com o lápis em mãos, começava a traçar, esboçando a obra pouco a pouco. A cada traço torto, apagava e tentava novamente, tomando cuidado para não estragar os poucos traços que eu considerava perfeitos. Adicionava um detalhe aqui, um símbolo ali, e a arte ganhava vida.

Quando percebia, o desenho estava completo. As cores se harmonizavam, tudo parecia estar conforme o plano. Mas, afinal, que plano? Nunca houve um. Eu simplesmente deixava o coração guiar minhas mãos. No final, sabia que poderia me orgulhar do resultado... ou não. Era sempre um risco.

E, no fim, sempre havia uma surpresa. E que bela surpresa! Quando terminei, coloquei o lápis de lado e observei o que havia criado. O caos e a frustração do início se dissiparam, e, pela primeira vez, não senti vontade de apagar ou refazer nada. Apenas contemplei a obra final, em silêncio, sabendo que, por hoje, o ciclo estava completo.

AO SOM DE "DIDIDIÊ"

Maria Dayane Lira Dantas



Na esquina de uma rua, havia um bar que nunca teve um nome definido. Interessante, não? A própria dona o chamava ora de bar, ora de barraca. Para mim, não importava o rótulo; aquele lugar era muito mais do que um simples estabelecimento. Era verdadeiramente simples, com um único cômodo e um banheiro minúsculo. No início, as mesas eram de cimento, e a mesa principal tinha um grande pedaço de pedra como assento, "colada" na parede. Nessa mesma pedra, minha mãe, minha prima ou a namorada do meu primo costumavam catar piolho em mim (quanta vergonha!). Mas à noite, fingia que nada tinha acontecido e me sentava ali para jogar dominó, cartas, e conversar com quem aparecesse. Com o tempo, as mesas de cimento foram substituídas por mesas e cadeiras de plástico, e as paredes externas ganharam cores vibrantes — vermelho, laranja, amarelo — que, na época, eu achava de "brega".

Crescer ao lado daquele bar foi uma experiência única. Era mais que um bar; era uma mistura de lanchonete e ponto de encontro. O aroma de bolos, salgados e hambúrgueres se misturava ao cheiro das cervejas Antártica, das cachaças São Paulo e dos petiscos. A trilha sonora variava entre brega e rock, mas o toque especial era o Raça Negra. Era ao som de "Didididiê" que jogávamos dominó, enquanto minha tia atendia os clientes, e o ciclo se repetia dia após dia.

Eu e minha tia, Dona Maria, compartilhamos momentos inesquecíveis ali. Uma das minhas lembranças mais doces é o bolo de chocolate que ela fazia para vender no bar.

Esperava ansiosa no batente da cozinha, esperando a chance de raspar a bacia da massa crua, enquanto o cheiro do bolo assando preenchia o ar. Depois de pronto, o bolo era desenformado, coberto de chocolate e granulado, e levado ao bar, onde raramente sobrava uma fatia ao final do dia.

O bar não era exatamente lucrativo — a caderneta de fiado era extensa, e muitos clientes soltavam o famoso “Anote aí, Dona Maria, amanhã eu pago”, mas nem sempre cumpriam a promessa. Até hoje, muitos ainda lhe devem. Mesmo assim, o bar era um ponto de encontro, um lugar onde a comunidade se reunia para relaxar e compartilhar histórias depois de um longo dia de trabalho.

Quando o bar estava fechado, a calçada em frente se tornava o nosso espaço de brincadeiras. Lembro-me de quando ganhei um grosso livro de contos de fadas da minha mãe. Sem saber ler, juntávamos um grupo de crianças, e uma amiga lia para nós. Depois, íamos brincar de corda, esconde-esconde, ou subir na árvore ao lado do bar para comer “mata-fome”. E você deve estar se perguntando: “Mas o que é mata-fome?” Era um fruto com sabor de infância. Crescia em árvores de tronco grosso, com galhos espinhosos, e tinha a aparência do guaraná envolto por uma espécie de vagem vermelha ou branca por dentro. Uma verdadeira delícia.

Enquanto isso, nossos pais e familiares colocavam cadeiras na calçada para conversar, criando um cenário de comunhão e alegria.

Muitas vezes, as manhãs começavam com o barulho de panelas, guiadas por minha mãe, e a chegada de uma prima em sua moto, trazendo pães, fofocas e o aroma do café recém-coado, enchendo a cozinha com seu jornal de histórias que me fazia levantar da cama para ouvir.

Nas noites em que faltava luz, a vizinhança saía para conversar à luz da lua, apreciando o frescor da noite até a energia retornar. E quando isso acontecia, todos comemoravam. Dona Maria acendia velas no bar, e os clientes continuavam suas conversas na penumbra, enquanto ela se juntava a nós na calçada, em um tempo em que a violência não era uma preocupação constante. Foi nesse lugar especial que conheci meus primeiros amigos, vivi minha primeira paixão e experimentei tanto a alegria quanto a tristeza. O bar, com sua simplicidade vibrante, foi cenário de tantas fases da minha vida.

Ao revisitar essas memórias, sinto uma saudade que aquece o coração, lembrando-me de que cresci de forma plena ao lado de três casas que eram abraçadas por aquele bar. Era uma vida raiz, de brincar na rua, subir em árvores e viver a infância com liberdade.

Hoje, muita coisa mudou. O bar do número 165 já não toca Raça Negra, e as conversas na calçada diminuíram. Mas, quando nos reunimos em família ou entre amigos, as lembranças ressurgem como raios de sol em dias nublados, iluminando tudo com a luz da nostalgia. E como diria o próprio Raça Negra, “Saudade existe para quem sabe ter...”

DESCALÇOS NA AREIA

Maria Mayra de Souza Tavares



Foi um daqueles dias perfeitos de verão, ou melhor, um carnaval inesquecível na Praia de Jacumã. A família estava toda reunida: meus pais, tios e, claro, todos os primos. A brisa do mar trazia uma alegria leve, típica de um dia na praia, enquanto o som das ondas quebrando ao longe criava a trilha sonora das nossas brincadeiras.

Corremos descalços pela areia quente, que queimava os pés, mas nada parecia nos deter. Entre risos e gritos, aceitamos o desafio da nossa tia: rolar na areia em troca de um picolé. Éramos pura euforia, cobertos de areia, com as gargalhadas da família ecoando ao redor.

Ao final do dia, cansados, mas com o coração cheio de alegria, assistimos ao pôr do sol juntos, rodeados por quem amamos. Foi uma daquelas experiências simples, mas profundamente marcantes. Aquele dia em Jacumã, com a família e os primos reunidos, tornou-se uma lembrança preciosa, que sempre trará um sorriso ao meu rosto.

LUX IN TENEBRIS: SANCTISSIMUM SACRAMENTUM

Maria Regina da Silva Xavier



Quando eu era bem pequena, costumava me imaginar em um vasto e belo jardim, deitada à sombra de uma árvore robusta e exuberante. O vento dançava nos galhos e fazia exalar o doce perfume das rosas e outras flores que coloriam o lugar. Os pássaros cantavam fabulosamente enquanto voavam sem pressa, e a liberdade, sempre presente, contava suas histórias até o entardecer, o que eu mais amava. Quem nunca quis um lugar assim?

Para mim, aquele jardim parecia o refúgio ideal, onde eu poderia descansar corpo, alma, mente e coração. Porém, uma dúvida sempre me inquietava: “Esse lugar existe mesmo?” Não sabia ao certo, mas a imaginação fértil da minha infância me permitia acessá-lo, e isso bastava. Mesmo sem saber onde ou como, a certeza de que um dia encontraria esse jardim me acompanhou durante toda a infância, mantendo viva em mim a lembrança de um lugar nunca visitado. Eu acreditava que bastava encontrá-lo, fosse no alto das colinas ou no meio do deserto — sim, imaginava até a possibilidade de jardins no deserto! — para que meu inquieto coração finalmente sossegasse.

Agora, talvez vocês estejam se perguntando se encontrei esse jardim secreto. E sim, encontrei! Apesar de não ser exatamente como eu imaginava, é lá que a paz fez morada, o sossego se alojou e o amor desagua como uma torrente. É onde meu “eu” se transporta e, num breve instante, me vejo diante de mim mesma, como num espelho.

Não há árvores frondosas tocando o céu e nem sempre há flores de todas as cores e perfumes. Mas há uma luz mística que dissipa toda a escuridão e vivifica tudo ao redor. O canto dos pássaros ainda se escuta, como um sussurro distante que anuncia a eterna novidade daquele jardim — agora, não mais secreto, mas profundamente místico.

O tempo lá é peculiar: às vezes, sinto que o dia já passou, mas mal se foi meia hora; outras vezes, penso que mil anos se passaram, e o dia ainda não deu lugar à noite. Sentada em um singelo banco feito de cimento, recebo notícias da minha velha amiga, a Liberdade. E como nos tempos de infância, ela ainda me conta as histórias mais incríveis. Descobri que alguém se esconde nesse jardim, esperando ser encontrado: o Amor. Esse é o seu lar e agora, também é o meu. Descobri, também, que meu jardim secreto tem um nome: Sacrário.

Tudo isso me faz lembrar de uma história escrita por Machado de Assis, talvez "A Mão e a Luva" (que, confesso, nunca terminei de ler, mas recomendo). Em algum trecho, ele diz: "É melhor, muito melhor contentar-se com a realidade; se ela não é brilhante como os sonhos, tem pelo menos a vantagem de existir." Não que o meu jardim não seja tudo o que imaginei — ele é muito melhor, justamente porque de fato existe.

PERITOS EM BRINCAR

Mayssa Julia da Costa Alcantara



Entre os meus 7 e 12 anos, eu vivia intensamente com meus primos, um grupo de quatro: eu, a mais velha; Júlio, dois anos mais novo; Paulo, cinco anos mais novo; e Khyara, seis anos mais nova. Nossa imaginação nos levava a explorar diversos mundos e cenários, e as influências do que assistíamos frequentemente moldavam nossas brincadeiras.

Naquela época, nossa tia, que tem apenas seis anos mais do que eu, era extremamente fã de "CSI". O seriado despertou nossa curiosidade e, por influência dela, nós também começamos a acompanhar o seriado. A fascinação pela perícia criminal tornou-se um tema constante em nossas atividades lúdicas.

Sempre me interessei profundamente pelo mundo da perícia criminal, introduzida a esse universo pelos programas de "CSI", que exibiam os peritos investigando cenas de crime. Inspirados por essas cenas, meus primos e eu começamos a recriar nossas próprias investigações na vida real. Utilizávamos giz para demarcar o local do crime e fitas adesivas vermelhas para simular sangue, transformando o chão da sala de estar em um cenário de crime.

Cada sessão de brincadeira envolvia um papel específico: um de nós assumia o papel de policial, outro fazia o papel da vítima, enquanto os dois restantes se tornavam peritos criminais. O desafio era sempre o mesmo: os peritos precisavam analisar as pistas deixadas e tentar desvendar o que havia ocorrido.

Criávamos histórias intrigantes e cenários, muitas vezes incorporando elementos que víamos no seriado, como impressões digitais e evidências falsas.

Nossos "cenários de crime" se espalhavam pela casa, desde o quintal, que se tornava a cena do crime principal, até o jardim, onde às vezes simulávamos perseguições. O ambiente, frequentemente adornado com nossos materiais improvisados, tornava-se um verdadeiro campo de investigação. O entusiasmo e a criatividade com que mergulhávamos nessas brincadeiras transformavam cada dia em uma nova aventura.

Mesmo fora das sessões de perícia criminal, nossa casa estava sempre repleta de atividades imaginativas. Construímos castelos e fortalezas com almofadas e cobertores, criamos cidades fictícias com brinquedos e inventamos jogos de faz de conta que se desenrolavam por toda a casa. Cada canto do lar se tornava um cenário diferente, e nossa imaginação não tinha limites.

À medida que crescíamos, as brincadeiras foram mudando, mas a paixão por recriar e explorar novas realidades nunca nos abandonou. Embora passássemos a nos envolver com atividades mais típicas, como andar de bicicleta e jogar jogos de tabuleiro, sempre olhávamos para trás com saudade das aventuras e do entusiasmo das nossas infâncias.

NEM TODO PAPAI É NOEL

Natália de Araújo Nóbrega



Por muito tempo, a lembrança da minha infância evocava uma sensação de felicidade. Hoje, no entanto, percebo que a tristeza acabou por substituir essa emoção. A minha infância, longe de ser sempre tranquila, era marcada por uma rotina "normal" que nos fazia sentir parte de algo maior. Éramos cinco: pai, mãe e três filhas, com uma diferença de três anos entre cada uma. Celebrávamos todas as datas festivas e acreditávamos em cada fantasia, desde a fada do dente até o Papai Noel e o coelho da Páscoa. A fada do dente nunca nos recompensava de maneira justa pela perda dos nossos dentinhos. Papai Noel, por sua vez, nunca conseguia atender aos meus pedidos: uma vez pedi um laptop e ganhei uma maquiagem de brinquedo. O coelho da Páscoa nos presenteava com um único ovo de chocolate, que tínhamos que dividir entre as três irmãs. Nossa vida era marcada por uma rotina simples: escola, casa, churrascos aos finais de semana e missa aos domingos.

Apesar das frustrações com Papai Noel, ele nunca deixou de me presentear, embora o que eu recebesse não fosse o que eu havia pedido. Esperava o ano inteiro para escrever minha carta e rezava para que ele acreditasse que eu tinha sido uma menina comportada. Lembro de ouvir meus pais dizerem que Papai Noel não me daria o que eu havia solicitado porque eu não tinha me comportado bem. Sentia tristeza, mas agradecia por ele não ter me esquecido.

A ansiedade para ver minha mãe montar a árvore de Natal era grande. Era um ritual: todos os anos, reuníamos-nos para montar aquela árvore de plástico, cheia de poeira e amassada, com enfeites que precisavam ser substituídos. Depois de montarmos a árvore e enfeitarmos a casa, chegava o momento de escrever a carta para papai Noel, marcando o fim da primeira fase do nosso Natal.

Na época natalina, nunca passávamos em casa; viajávamos para Sepetiba, onde morava minha tia-avó. Era o evento do ano: a família reunida, presentes de todos os lados e muita comida deliciosa. Embora não me lembre exatamente da duração da festa, os dias eram repletos de atividades em família.

A sensação de descobrir que Papai Noel não existia foi minha primeira grande decepção. Sempre que íamos viajar, meu pai voltava para casa com a desculpa de ter esquecido algo. Quando retornávamos, todos os presentes que papai Noel havia deixado na noite de Natal estavam lá. Certa vez, pedi para acompanhá-lo e fui impedida, sob o motivo de que isso comprometeria seu plano de colocar os presentes. Foi nesse momento que percebi a verdade: papai Noel era meu pai.

O sentimento de tristeza foi profundo. A descoberta de que Papai Noel não passava de uma invenção de meu pai trouxe uma nova compreensão: todos os contos eram criações dele, e os pedidos não atendidos tinham uma explicação. Esse momento marcou uma transição em minha vida, ensinando-me que a vida não é um conto de fadas e que nossos desejos nem sempre se realizam.

CADA IMAGEM, UMA PÁGINA VIVA

Nathalia Francisca da Silva



Ao contemplar um quadro repleto de fotos, cada imagem se abre como uma página viva das minhas memórias. Vejo nitidamente o segundo mês de vida do meu filho, a festa dos seus dois anos e, agora, o presente, onde estamos juntos — eu, meu marido Anderson, e nosso filho Andrey, que já completou cinco anos. O tempo, de fato, passou num piscar de olhos. Cinco anos desde o seu nascimento, e aqui estamos, em um novo lar, vivendo mais um recomeço.

As lembranças me envolvem como se tudo tivesse acontecido ontem. Lembro-me das contrações que me acordaram de madrugada, dez dias antes do esperado, na casa da minha mãe, Maria José, carinhosamente chamada de Zeza, no sítio Uruçu, em Gurinhém, onde eu vivia na época. Era 22 de março de 2019. Fui acolhida pela minha prima Penha, que me acompanhou até o hospital regional de Itabaiana, e, nos dias seguintes, a esposa do meu primo, Tereza, dividiu comigo o tempo de espera enquanto passei três dias internada.

Ao cruzar as portas do hospital, sinto um turbilhão de emoções: a alegria e a ansiedade por conhecer o ser que eu já amava tanto. Apesar da dor, o parto precisou ser cesáreo, e às 13h45 ele nasceu: meu mundo azul, meu Andrey. Naquele instante, não foi apenas ele que veio ao mundo — uma nova mãe também nasceu.

A amamentação foi um aprendizado, um vínculo inexplicável que me preenchia por inteiro.

Recordo com carinho da primeira roupinha azul e branca, do cheirinho do perfume Johnson's de Lavanda, da fralda RN, das pequenas mãozinhas que segurei. Cada detalhe está guardado, desde a primeira caminhada pelos corredores do hospital, ainda cheia de dor, até o primeiro banho pós-parto. Guardo até hoje a pulseirinha do hospital e um pedacinho do cordão umbilical que caiu, como relíquias de um momento precioso.

Depois, nos mudamos para um novo lar, e mais um capítulo da nossa história começou. Cada lembrança, cada sorriso, cada desafio fez parte dessa jornada, transformando esse novo início em uma trajetória cheia de possibilidades e boas recordações.

O DIA EM QUE A FEIRA SE TRANSFORMOU NUMA ÁREA DE FLIPERAMA



Pablo Bismark Souza Braz

Todo sábado, eu tinha um compromisso matinal: a feira de rua de Juripiranga, uma cidade calma e modesta no interior da Paraíba. Em minha memória, aqueles dias eram intensamente ensolarados, quase a ponto de se poder fritar um ovo. Na feira, o caos transformava-se em uma sinfonia vibrante, onde as vozes dos vendedores se entrelaçavam com as conversas, brigas e risadas dos compradores. Os gritos de “Olha a uva!” e “Três CDs por cinco reais!” misturavam-se aos sons das negociações e ao murmúrio das moedas sendo trocadas. Entre as barracas de frutas e verduras, os sentidos eram acariciados por um festival de aromas: o perfume das ervas e temperos fundia-se com as notas doces das frutas, o odor robusto das carnes e o irresistível cheiro dos pastéis fritos na hora. Ah, como eram deliciosos os pastéis... A velhinha que os preparava parecia ter o poder dos deuses da culinária. Seus pastéis não eram meros alimentos; eram encantamentos em forma de massa, cada um carregado com a magia de um segredo sublime.

Mas houve um sábado que se destacou na memória. Nesse dia, encontrei meu primo Kelvin no meio da feira. Com seu cabelo desarrumado, que parecia sempre rebelde, e sua estatura um pouco mais alta que a minha, mesmo eu sendo mais velho. Com a animação típica da juventude, fomos ao encontro de nossos avós, que vendiam farinha no mercado público da cidade.

Com um sorriso cúmplice, pedimos alguns trocados, suficientes para iniciar a grande batalha no fliperama. “Benção, vô! Benção, vô! Será que vocês têm algumas moedinhas sobrando? Só precisamos de um pouco mais para jogar” — dissemos, com a certeza de que a resposta seria positiva. Com suas faces marcadas pelo tempo e um toque de afeto, eles pegaram alguns trocados do pequeno pote que mantinham sempre ali perto para essas ocasiões. Esse gesto simples deu início a um dia memorável, que vive até hoje em minha lembrança como um dos mais vibrantes de todos os sábados. O fliperama ficava bem ao lado do banco dos nossos avós. Era um lugar pequeno e simples, mas nos sentíamos totalmente à vontade ali. Não havia nenhuma placa indicando que era um fliperama; era um espaço conhecido apenas por quem frequentava a feira. O proprietário era um homem reservado, mas amigável, era carinhosamente chamado de Gordinho.

Movidos por uma energia contagiante, decidimos jogar “The King of Fighters”, nossa franquia de luta favorita. Com os trocados que nossos avós nos deram, adquirimos as fichas e nos posicionamos diante da máquina, prontos para o desafio. Inicialmente, éramos apenas eu e Kelvin, unidos por uma única ficha. Mas, de repente, o inesperado aconteceu: um desafiador apareceu, inserindo sua ficha na máquina e declarando silenciosamente a guerra. Quando as fichas ecoaram na máquina, Kelvin e eu trocamos um olhar de cumplicidade. O duelo havia começado.

O sistema era simples e implacável: dois jogadores, um confronto, e o perdedor cedia seu lugar. Se quisesse revanche, teria que investir em mais fichas. Cada batalha era uma questão de vida ou morte.

Dirigimo-nos à seleção de personagens com a familiaridade de veteranos. Kelvin, o mais habilidoso, controlava dois lutadores, enquanto eu ficava com o terceiro. Não me importava em controlar apenas um personagem, pois sabia que ele era o melhor entre nós. O duelo começou com Kelvin dominando a partida, derrotando dois adversários com apenas um dos nossos heróis. A responsabilidade de finalizar o último caiu sobre mim. A sensação de alívio ao vencermos foi imensa; éramos como Batman e Robin, inseparáveis e invencíveis.

À medida que as horas passavam, a notícia de nossa invencibilidade se espalhava, atraindo desafiantes e espectadores. Logo, a máquina estava cercada por uma multidão. O fliperama se transformara em um octógono de UFC, onde nós éramos os atletas — ou talvez uma arena do Coliseu, onde gladiadores lutavam como se suas vidas dependessem daquilo.

Foi então que ele apareceu. Um rapaz conhecido por sua habilidade no jogo, caminhando em nossa direção com a confiança de um campeão. Jogava as fichas para o alto e as pegava com um estilo próprio, sua presença imponente fazia o burburinho da feira desaparecer. O som das fichas em sua mão era a única coisa que eu conseguia ouvir. “Então, são vocês que estão ‘alugando’ a máquina?” — disse ele, com um tom de deboche. Nervosos, apenas acenamos com a cabeça em silêncio. Escolhemos nossos personagens com a mesma estratégia de sempre, mas o ambiente ao nosso redor parecia diferente. O mundo desapareceu, restando apenas o som do jogo e nossos corações batendo forte.

Nossa honra estava em jogo; não podíamos falhar contra aquele rapaz — o chefe final. Os rounds foram intensos, cheios de combos e especiais. Kelvin, com agilidade, venceu o primeiro lutador, mas saiu com pouca barra de vida. No segundo round, a tensão aumentou, mas ele resistiu. O público, agora nos cercado, torcia por nós, ansioso para ver os underdogs triunfarem. Senti que poderíamos vencer; nosso esforço poderia superar qualquer adversário. O último round era meu. Restava apenas um personagem para ambos os lados, e tudo dependia de mim. Embora soubesse que não era o melhor jogador, parecia que algo maior me guiava. Minhas mãos já não respondiam ao cérebro, mas ao coração.

“Conseguimos, conseguimos!” – exclamou Kelvin, com um sorriso tão largo que quase tocava as orelhas. Levei alguns segundos para entender que havíamos vencido. O tempo pareceu parar enquanto a realidade se firmava. Era o meu momento... finalmente.

Nosso grito de vitória ecoou pelo fliperama, e a multidão acompanhou em coro, ofuscando o som da feira. O rapaz, meio sem jeito, nos parabenizou. Para ele, talvez fosse apenas mais um sábado. Mas para nós, aquele dia mudou tudo. Tornou-se uma memória eterna, um sábado de feira que entrou para a história.

ENTRE MAPAS E HORIZONTES

Paulo José Gomes Costa



Eu era uma criança com os olhos brilhando como estrelas, cheia de sonhos de atravessar as fronteiras das páginas dos livros e mergulhar nas telas da televisão. Queria explorar cada país e cidade que surgia diante dos meus olhos curiosos. Fascinada pela história do planeta, pelas raízes culturais e pelos povos que moldaram o mundo, sonhava com o impossível: abraçar o mundo inteiro em um único suspiro, sem saber como transformar essa fantasia em realidade. Nasci em uma família humilde, onde meus pais nunca haviam sentido o frio na barriga de um voo de avião, comecei a trabalhar aos 18 anos, em agosto de 2014. Guarde esse mês, pois ele foi a porta de entrada para aventuras que transformariam minha vida.

Meu primeiro emprego foi como atendente de telemarketing em um *call center*. Para minha surpresa, trabalhei quase quatro anos na LATAM, a companhia aérea dos sonhos de muitos, onde atendia clientes que, como eu, desejavam explorar o mundo. Imaginem a alegria daquela criança sonhadora, agora adulta, trabalhando diretamente com os sonhos alheios de viajar. Apesar da fama de "tritador de mentes" dos *call centers*, eu amava ajudar as pessoas a realizarem seus desejos de novos horizontes.

Durante esse tempo, construí amizades que são como tatuagens na alma: Vitória, Mário e Viviane. Com esses companheiros, decidimos embarcar em nossa própria jornada.

Utilizando o conhecimento adquirido no setor aéreo, descobri promoções para o Rio de Janeiro e todos embarcaram imediatamente. Fui o capitão da reserva de hospedagem e do roteiro. Em abril de 2019, vivenciamos uma viagem mágica: visitamos o Cristo Redentor, a icônica Copacabana, o poético Arpoador, o majestoso Pão de Açúcar e as águas cristalinas de Angra dos Reis. Naquele momento, compreendi que, através do trabalho e da dedicação, sonhos que antes pareciam distantes podiam se transformar em realidade.

Em 2020, fiz as malas e parti sozinho para São Paulo, com o coração palpitando para conhecer o templo de meu time do coração, o estádio do Palmeiras. Realizei esse sonho, caminhei pela Avenida Paulista, me perdi nas obras do MASP, provei os sabores do Mercado Municipal e mergulhei nas multidões da 25 de Março. A partir dessa virada de chave, comecei a equilibrar o trabalho com minha paixão por ser consultor de viagens, reunindo grupos para tornar seus sonhos de viagem realidade.

Abril de 2021 marcou minha primeira grande conquista: organizei um grupo de mais de 30 pessoas para uma aventura internacional em Cancún, México. Ficamos em um resort all inclusive à beira-mar. No primeiro dia, ao abrir a janela do quarto e contemplar o mar azul do Caribe, meu coração quase explodiu de emoção. A gratidão inundou meu peito ao viver aquele sonho: nadar com golfinhos, explorar ilhas e desvendar a história Maia em Tulum. No mesmo ano, viajei para Foz do Iguaçu, no Brasil, e Ciudad del Este, no Paraguai.

Em 2022, desvendei meu terceiro destino internacional: Santiago, Chile, com um grupo de 10 pessoas. Um dos meus maiores sonhos era tocar a neve, e tive a chance de subir a Cordilheira dos Andes até as estações de esqui de Valle Nevado e Farellones, onde o frio se tornava poesia nas montanhas brancas.

No mesmo ano, visitei as encantadoras Florianópolis e Balneário Camboriú, realizando outro sonho de infância: conhecer o Beto Carrero World. Fechei o ano com chave de ouro, retornando ao Rio de Janeiro para uma confraternização com amigos do turismo. A cidade maravilhosa, o primeiro destino que conheci de avião, guardava um lugar especial no meu coração e marcou o início de minha jornada.

2023 foi um ano de novas descobertas. Pela primeira vez, deixei o continente americano e desembarquei em um destino que parecia reservado para milionários. Em março, junto com um grupo de sete pessoas, pousei nos Emirados Árabes Unidos, na opulenta Dubai, onde o luxo é real. Explorei o deserto árabe, contemplei a cidade do topo do Burj Khalifa, o edifício mais alto do mundo, caminhei em um jardim de flores no meio do deserto e nadei na piscina 360°, a maior do planeta, localizada no 50° andar.

Passei também pela capital, Abu Dhabi, onde senti a adrenalina na montanha-russa mais rápida do mundo. No mesmo ano, organizei uma viagem especial com 27 pessoas, incluindo meus amigos de longa data: Vitória, Viviane e Mario, para Punta Cana, na República Dominicana.

Em um resort all inclusive, visitamos a paradisíaca Isla Saona, exploramos vilarejos locais, cenotes cristalinas e encerramos na vibrante Coco Bongo, famosa casa de shows do filme O Máskara. A multidão na viagem e os desafios de organização foram intensos, mas no final, tudo saiu perfeito.

2024 ainda está em curso, mas posso afirmar que este foi um dos anos mais memoráveis da minha vida. Realizei o maior dos meus sonhos no universo das viagens.

Planejei e me organizei financeiramente por quase dois anos e, finalmente, em 15 de maio de 2024, embarquei para a Europa em uma viagem de 18 dias pelo velho continente. Passei por sete países e 15 cidades. Minha jornada começou em Londres, onde conheci o famoso Big Ben, o Parlamento Britânico e o Museu de História Natural. Assisti à final da Champions League no icônico estádio de Wembley, visitei o Palácio de Buckingham e atravessei a Abbey Road, imortalizada pelos Beatles. Depois, peguei o trem-bala pelo Canal da Mancha até Paris, onde cada esquina revelava um pedaço da história. A imponente Torre Eiffel destacava-se em cada ponto da cidade. Caminhei pela Champs-Élysées até o Arco do Triunfo e visitei o Museu do Louvre, onde as obras de arte que antes via em livros e na TV estavam diante dos meus olhos. Um dos momentos mais emocionantes foi visitar a Disneyland Paris, um baú de tesouros onde cada desfile de personagens trazia memórias da minha infância. As lágrimas que deslizavam pelo meu rosto eram rios de emoção, conectando passado e presente.

Depois de Paris, viajei por destinos deslumbrantes como Barcelona, Bruxelas, Milão, Veneza, Roma, Nápoles, Amalfi, Positano e St. Moritz. Cada lugar, uma nova página na história do mundo e na minha própria.

De todas as viagens, uma se destacou especialmente: Foz do Iguaçu. Em 4 de agosto de 2021, levei meu pai para viajar comigo no meu aniversário, como forma de agradecimento por toda a educação e valores que ele me transmitiu. Foi a primeira vez que ele entrou em um avião, saindo da Paraíba.

Escolhi Foz do Iguaçu pelo amor que meu pai tinha pela natureza. Ele ficou encantado com os animais do Parque das Aves e maravilhado pela majestade das Cataratas do Iguaçu. Queria proporcionar a ele a experiência de viajar e descobrir o mundo, algo que se tornou tão importante para mim. Até hoje, ele fala sobre essa viagem para todos, sempre com um sorriso no rosto.

Hoje, percebo que aqueles sonhos de infância não eram meras fantasias. Com esforço, determinação e uma pitada de paixão, transformei as sementes plantadas em uma árvore frutífera de viagens. Cada nova experiência é uma prova viva de que, quando acreditamos e lutamos por nossos sonhos, eles podem se tornar realidade.

INFÂNCIA E CRIATIVIDADE ON DEMAND! “QUE XOU DA XUXA É ESSE?”



Patrícia Rosas

Sim, sou da década de 80 e passei minha infância espiando o “Xou da Xuxa” na TV dos vizinhos. Naquele tempo, ter uma televisão em casa era raro, especialmente quando faltava o essencial: comida. Lembro da nossa primeira TV. Meu pai chegou em casa bêbado, com uma enorme televisão de caixa de madeira nas costas. Tinha trocado o aparelho em um bar, negociando com os amigos. Foi uma festa em casa. Eu e meus irmãos, nove ao todo, não cabíamos em nós de tanta felicidade.

Colocamos a TV bem no centro da sala e esperamos ansiosos enquanto meu pai tentava sintonizar os canais. A antena era enorme. Mexe aqui, ajusta acolá, coloca “bombril” na ponta, e finalmente as primeiras imagens em preto e branco começaram a aparecer, acompanhadas de um som chiado. Mas estava valendo.

Depois de alguns dias, a TV quebrou. Chorei como se tivesse perdido alguém querido. Lá foi meu pai devolver a televisão, na esperança de trazer outra. Esperamos ansiosos seu retorno. Ele chegou ao final da tarde, de mãos vazias.

Ficamos de luto por alguns dias, mas logo voltamos à rotina, disputando um cantinho nas portas ou janelas dos vizinhos mais abastados para espiar a TV deles. Algum tempo depois, meu pai conseguiu outra televisão, e nossa atenção se voltou para os desenhos animados.

Foi assim que conhecemos o “Xou da Xuxa”. E que “xou”! Eu ficava hipnotizada pela atração, comandada pela Xuxa e suas Paquitas, além dos personagens Dengue e Praga. As Paquitas, com seus uniformes vermelhos ou azuis e botas brancas, lembravam soldadinhos de chumbo. Já o Dengue, um grande mosquito com vários braços, vestia-se de amarelo e vermelho, enquanto Praga, pequenino, usava uma fantasia de tartaruga.

Eu adorava as brincadeiras do programa e, especialmente, quando as Paquitas cantavam a música “Fada Madrinha”:

*“É tão bom,
Bom, bom, bom
Quem quer pão,
Pão, pão, pão...”*

Mas o que me cativava de verdade eram os desenhos. Foi no “Xou da Xuxa” que conheci *He-Man, She-Ra, Scooby Doo, Flintstones, Thundercats e Caverna do Dragão*. Os desenhos animados ocupavam um papel central no cotidiano das crianças da minha época, alimentando universos imaginários e oferecendo personagens que inspiravam nossas aventuras no quintal de casa.

Hoje, vivemos uma realidade muito diferente. Os desenhos na TV foram, em grande parte, substituídos por dispositivos eletrônicos e interações digitais. Na década de 80 e 90, quando Xuxa dominava as manhãs, a televisão era a principal fonte de entretenimento infantil. Os desenhos, exibidos em horários fixos, eram aguardados com ansiedade, e as crianças recriavam as histórias com seus amigos.

Brincar de super-heróis, bonecas que ganhavam vida ou investigar mistérios preenchia nossas tardes. Havia espaço para a imaginação e o improviso, sempre inspirados pelas referências da TV.

Hoje, a realidade é outra. As crianças consomem conteúdo de forma mais passiva. Plataformas de streaming oferecem entretenimento sem fim, e o que antes gerava expectativa foi substituído pelo imediatismo do “on demand”. Isso impacta além da mídia. As crianças de hoje, embora tenham acesso a mais informações do que qualquer geração anterior, parecem desprovidas de experiências que estimulem a criatividade e a imaginação. As telas tomaram o lugar da interação física, e as brincadeiras espontâneas, que promoviam o desenvolvimento social e emocional, deram espaço aos jogos digitais, que, apesar de oferecerem estímulos visuais, reduzem as interações diretas.

A televisão, que antes reunia a família em torno de um programa, foi trocada por uma experiência cada vez mais individual. Cada criança com seu tablet ou celular, imersa em um universo próprio, sem compartilhar essas experiências. Isso fez com que a infância perdesse um de seus pilares: a capacidade de criar em grupo e construir histórias coletivas.

A imaginação, força vital da infância, surge do tédio, da necessidade de preencher o vazio com invenção. Quando as crianças têm tudo disponível de imediato, sem precisar esperar ou improvisar, esse potencial criativo fica adormecido.

O meme “Que xou da Xuxa é esse?” me faz lembrar de uma época em que a vida parecia mais simples, mas ao mesmo tempo mais rica em experiências sensoriais e imaginativas. O “Xou da Xuxa” era o símbolo de uma era em que a fantasia estava viva, ao alcance de qualquer pedaço de papel e giz, e a vontade de brincar. Hoje, a infância precisa ser resgatada de sua prisão digital, redescobrimo-se como um momento de criação, invenção e construção coletiva.

MIMOSO, O CAJUEIRO DE VOINHA

Priscila de Souza Silva



Brincar sempre foi meu refúgio, um lugar onde eu podia criar diversos mundos na minha mente e escapar da realidade que vivia em casa. A casa de voinha era um verdadeiro abrigo, onde o aconchego, os abraços calorosos, o amor, a alegria e muitas brincadeiras preenchiam o ambiente.

Eu via portais mágicos em cada canto da casa e, a cada espaço que explorava, encontrava um mundo diferente. O chão da casa era todo vermelho e muito brilhante, com o cheiro de cera de limpeza. Na hora do almoço, o aroma de comida deliciosa preenchia o ar, e quando voinha chegava, seu perfume se espalhava pela casa.

Ao atravessar a porta da cozinha, eu me deparava com o quintal, que parecia não ter fim. Lá, reinava o imponente pé de caju, tão grande que eu fantasiava que um gigante habitava lá no alto. O aroma doce do caju preenchia o ar, enquanto as folhas caídas formavam um tapete no chão. Minha avó carinhosamente chamava o cajueiro de Mimoso, um nome que me aquecia o coração.

O chão do quintal não tinha grama; era forrado de pedras, que para mim nunca foi um incômodo. Pelo contrário, eu as transformei nos móveis da minha casinha imaginária. Nos cantos do muro, brotavam plantinhas que eu usava para preparar minhas comidinhas de faz de conta. Mas nada me encantava tanto quanto Mimoso. Seus cajus eram os pratos principais da minha casinha, e as castanhas completavam o cardápio. Os matinhos que nasceram nos cantos do muro se tornaram os temperos das minhas receitas.

Naquele refúgio de fantasia, nada faltava: havia sempre água, luz e, claro, muitas comidinhas. E, acima de tudo, ali eu encontrei a segurança e o carinho que meu pequeno coração tanto desejava.

Ao retornar à realidade, muitas vezes me senti perdida, um tanto desprotegida, quase como se estivesse esquecida. Mas, na casa de voinha, ao atravessar aqueles portais e me abrigar na minha casinha do quintal, eu me redescobria. Era ali que minhas emoções se harmonizavam, meu coração se aquietava e eu encontrava a paz. Naquele pedaço de quintal, eu senti o abraço acolhedor do amor e do conforto.

JERIS E O ALPENDRE DE MAINHA

Priscylla Maria Florentino Martins



No lugar onde o tempo parece desacelerar e o cansaço não existe, encontro paz no som dos pássaros e no canto do galo. A brisa fresca da manhã acaricia o meu rosto enquanto vejo o sol nascer atrás do pé de Jurema, embalado pelo balanço da cadeira de amarelo queimado. Essa cadeira, que mainha – minha avó materna – sempre diz que precisa de um pouco de óleo para parar de ranger, se tornou um símbolo das minhas manhãs ali.

O aroma do café sendo coado mistura-se com o cantarolar de mainha na cozinha. Esse lugar é carregado de saudade e carrega o tempo em sua forma mais sincera. É a saudade do meu refúgio, ao qual nem sempre posso voltar, dos tios e tias que partiram cedo em busca de oportunidades no Sul, e dos meus pais, que gostariam de ir mais vezes, mas são impedidos pelo trabalho e pelas despesas da vida.

Este lugar tem um nome que evoca diferentes sabores, texturas e memórias. Não me lembro de tudo o que vivi ali, mas sei que foi lá que construí meu “eu interior”. É lá que, sempre que volto, me reinvento. Recordo as conversas no alpendre com meus tios e primos, as ideias divergentes, as brincadeiras com mainha, as fofocas e as vezes em que me sinto verdadeiramente leve e feliz. O alpendre da casa de mainha, ou de tia Francisquinha, como muitos a chamam, é um verdadeiro ponto de encontro – um espaço para relaxar na rede, saborear um sorvete ou o famoso dindin de Toinha.

O Sítio Jerimum – ou Jeris, para os mais íntimos – situado no sertão paraibano, é o lugar onde encontro o alpendre de mainha e seu cantarolar, onde aprecio o pôr do sol mais bonito do mundo, respiro o ar puro e recordo as minhas melhores lembranças de infância. Em cada ida e volta, agradeço o presente de ter um alpendre de mainha que posso, com orgulho, chamar de lar.

QUADROS DE PELE

Raquel Monteiro Soares do Nascimento



Alguns anos atrás, eu costumava partir de Bayeux para a grande João Pessoa de ônibus com meu melhor amigo, eu com treze e ele com doze anos, sempre carregando nossas maletas. Ficávamos constantemente apreensivos, temendo descer na parada errada e perder nossa pose de "estudantes do Centro Estadual de Artes da Paraíba". Havíamos sido transferidos para a turma de pintura dos adolescentes, um sonho realizado para crianças melancólicas que adoravam desenhar nas cadeiras da escola. O mundo fora daquela sala parecia uma exposição abandonada de quadros em branco, mas ninguém entendia o que eu queria dizer. Minha professora do quinto ano costumava dizer que, por mais que pintassem o sete e bordassem o oito, "crianças artistas" sempre carregavam um toque de melancolia no olhar. Eu acreditava ser a própria melancolia, manifestada em uma menina que rabiscava os cadernos, fazia pulseiras com liguinha e chorava ouvindo "rock emo".

Lembro-me até hoje do alívio que senti ao entrar na sala repleta de quadros novos, com jovens de quinze, dezesseis e dezessete anos, todos tão emos e melancólicos quanto eu. Nunca me senti tão em casa.

Dentro daquela sala, alguns quadros eram mais vibrantes que outros, uns mais abstratos, outros realistas, e havia também aqueles com rabiscos aparentemente sem nexos, porém nunca completamente vazios. Era como se estivéssemos imersos em uma exposição mágica dentro de outra.

O quadro em branco que eu pensava ser a minha própria expressão se transformou em uma confusão de cores e formas. Esculturas, pinturas, rabiscos e pessoas dançando por todos os lados. Todos se entendiam de algum jeito, e eu me sentia um quadro como todos os outros. A professora de desenho costumava interpretar minhas obras de acordo com a própria visão. Lembro-me de um dia em que me chamou para dizer que enxergava sangue e dor escorrendo de um dos meus quadros. Até hoje, não sei exatamente qual quadro ela se refere.

Meu melhor amigo já não sentia mais aquele prazer em pintar, mas mesmo sem meu quadro preferido ao meu lado, continuei aprendendo naquela vasta exposição. Quando completei quatorze anos, fui transferida para a turma de maiores de idade, estudei desenho realista com pessoas de dezoito a sessenta anos e conheci quadros que jamais imaginei.

Aos poucos, o sangue parou de escorrer do meu quadro, e a vida me levou de volta para a "rotina sem cor", do cotidiano. Eu senti uma vontade imensa de retornar ao refúgio das tintas e cavaletes daquela sala amarela. Foi difícil, mas percebi que pude pintar os quadros em branco do mundo lá fora. Hoje, aos vinte anos, me esforço diariamente para acolher o sangue que ainda escorre de outros "quadros de pele". No fim, nunca foi apenas sobre quadros. Você entendeu, não é?

DO LILÁS AO AMARELO: AS METAMORFOSES DA MINHA INFÂNCIA

Rayane Pereira Martins



Desde a infância, sempre fui uma criança solitária. Sem irmãos e com uma família pequena, eu convivía apenas com meus pais e, ocasionalmente, com meus três primos. A nossa casa era uma pequena construção no quintal da casa da minha avó, onde também viviam meus avós, minha tia, seu marido e minha prima. A convivência se limitava a nós três: eu, meu pai e minha mãe. Meus pais, ainda jovens e distantes, tentaram me guiar da melhor forma possível.

Quando eu tinha sete anos, meu pai, um pedreiro que erguia sonhos, construiu meu quarto. Durante anos, aquele espaço foi meu refúgio durante a infância e a adolescência. Lembro-me das paredes ainda nuas e do chão de cimento. Eu me sentava no chão, espalhava meus brinquedos e imitava os gestos de minha mãe, que passava o tempo com os afazeres domésticos.

Quando o quarto ficou pronto, meu pai escolheu a cor: lilás brilhante. Minha mãe posicionou minha cama de madeira no canto, que parecia gigantesca quando eu me deitava. O guarda-roupa, também de madeira, ficava ao lado da janela. Em frente à cama, estava a pequena cômoda com a televisão de tubo. Meu pai instalou uma grande prateleira de madeira acima da cama, repleta de bonecas e brinquedos. Naquele tempo, minha mãe não trabalhava e organizava a casa com zelo. Ao voltar da escola, eu corria para o quarto, me sentava no chão e assistia aos desenhos enquanto ela preparava mingau na cozinha.

Brincava de ser professora, transformando o quarto em uma sala de aula improvisada, usando livros e brinquedos, com minhas bonecas como alunas entusiastas.

Minha mãe não participava muito dessas brincadeiras, mas sempre me fornecia materiais escolares para enriquecer minhas atividades. Lembro com carinho do dia em que ganhei um quadro negro e vários carimbos com símbolos diferentes. Fiquei empolgada para escrever nele. À medida que minha mãe começou a trabalhar fora, a solidão tomou conta. Ao chegar da escola, eu me trancava no quarto. Naquele silêncio, reconfortante para mim, criava mundos imaginários. Entre móveis e brinquedos acumulados, minha imaginação ganhava vida, permanecendo ativa até a adolescência.

A adolescência trouxe turbulências emocionais. A separação dos meus pais e as brigas constantes criaram uma barreira invisível entre nós, deixando-me em um estado de equilíbrio precário entre a independência desejada e a necessidade de apoio. Com poucos amigos para compartilhar meus sentimentos, comecei a redecorar as paredes do meu quarto, que agora se tornava rosa. A cama de madeira foi substituída por uma maior, pois eu havia crescido. O guarda-roupa mudou, a televisão virou led digital. A prateleira de bonecas deu lugar a livros e revistas. Pôsteres de bandas e celebridades cobriam as paredes, substituindo meus desenhos infantis e o quadro negro. Sentia que não pertencia mais àquela casa, exceto no meu quarto. Ali, era onde eu encontrava um senso de pertencimento.

As brigas com minha mãe se intensificaram. Quando ela finalmente se separou e saiu de casa, o vazio e a tristeza se tornaram avassaladores. O quarto tornou-se meu refúgio, o único lugar onde eu podia ser eu, sem precisar de aprovação ou apoio.

A separação dos meus pais desencadeou uma revolta interna, um terremoto emocional que deixou cicatrizes difíceis de curar. O lar que eu conhecia se fragmentou em dois mundos distintos, e eu me sentia desorientada, entre caminhos que não conseguia reconciliar. Permaneci no ambiente que conhecia, sentindo-me apenas conectada ao meu quarto. O restante da casa perdeu sua energia e vitalidade sem a presença e a decoração de minha mãe. Meu pai se afastava cada vez mais, mas eu compreendia que ele também estava em busca de se curar.

Após o ensino médio, a pandemia transformou meu quarto em meu refúgio diário. Era mais do que um espaço físico; era um abraço acolhedor. Durante a pandemia, eu enviava currículos, procurando emprego. No final de dezembro de 2020, consegui meu primeiro trabalho em uma escola próxima. Com dezenove anos, as mudanças ao meu redor iniciaram novas emoções e experiências. Meu quarto passou por sua última transformação: as paredes rosas deram lugar a um amarelo pastel, a cama cresceu para tamanho de casal e os pôsteres e livros foram substituídos por uma penteadeira dos sonhos e quadros com fotos do meu namorado. O ambiente tornou-se mais minimalista, refletindo a transição de uma adolescente para a vida adulta.

Com o tempo, entre um novo trabalho e um relacionamento, a vida tornou-se mais séria. Os problemas pareciam menores, e eu ansiava por retornar ao meu quarto, deitar-me na cama e descansar, preparando-me para a rotina do dia seguinte. Depois de dezessete anos no mesmo espaço, fiz minha primeira mudança de lar. O quarto estava vazio, preenchido apenas por caixas de mudança e memórias das noites em que sonhava com o que hoje vivencio. No dia em que fui embora, em outubro de 2023, senti que havia conquistado a independência que tanto desejava. Olhei para cada canto, cada móvel, cada parede que carregava lembranças e histórias entrelaçadas com a minha vida. Naquele momento, foi como fechar um capítulo de um livro, repleto de momentos felizes, lágrimas, desafios superados e crescimento pessoal.

Agora, meu quarto é compartilhado com alguém que amo, que trouxe companhia e nunca mais me deixou sentir solidão. Nossos pensamentos e emoções dividem o mesmo espaço, e meu quarto agora conta a história de um casal no início de sua jornada juntos. À medida que o tempo passa, compreendo que o espaço físico foi o reflexo da minha infância e adolescência, moldando o destino que vivi. Meu quarto, sempre um refúgio, foi onde meu coração encontrava descanso e minha alma sentia paz.

CHUVA EM TERRA SECA

Rayane Ramos de Andrade



Aos 17 anos, imersa no silêncio opressivo que se seguiu à pandemia, um convite chegou até mim, como o sino solitário de um templo perdido. Eu vagava por um deserto espiritual, longe dos cânticos que outrora me confortaram e das orações que uma vez me sustentaram. O chamado para o Encontro de Jovens com Cristo (EJC) surgiu como um raio de sol rompendo uma manhã nublada, prometendo calor e direção em meio à frieza que me envolvia. O mistério que cercava o encontro, revelado apenas no último momento, era como um quebra-cabeça que só se tornava claro quando as peças se encaixavam. A expectativa de descobrir o local, mantido em segredo até o último instante, era como um livro cujas páginas estavam seladas, aguardando o momento certo para revelar sua história. Quando finalmente cheguei ao destino, parecia que eu entrava em um novo universo, onde cada detalhe, cada música, cada palavra carregava um significado profundo, um eco de algo maior, quase divino.

Naquele período, eu me sentia como uma folha seca, carregada pelos ventos da dúvida e da incerteza, distante do solo fértil da fé. Mas o EJC, com sua aura de mistério e renovação, foi como a chuva que finalmente alcança a terra ressecada. Cada instante do encontro fez a vida retornar às minhas raízes, como se a água da graça divina estivesse revitalizando meu espírito. A experiência foi tão intensa que eu chorava como uma criança, meu coração transbordando emoções que eu nem sabia que existiam.

O tema do encontro, inspirado em Toy Story, com a canção "Amigo, Estou Aqui", lembrou-me que Deus é como aquele amigo fiel, sempre presente mesmo quando nos sentimos sozinhos. O subtema, "O meu coração deseja te encontrar", acompanhado pela música "Terra seca", tornou-se um espelho da minha alma. Cada verso da canção parecia falar diretamente comigo, como se as palavras estivessem gravadas nas paredes do meu coração. Foi nesse encontro que, além de sentir a presença palpável de Deus, reencontrei minha mãezinha do céu, Maria. Percebi que, mesmo nos momentos de perda e desamparo, ela estava ao meu lado, guiando-me com a suavidade de uma brisa que, silenciosa, me orienta em meio à tempestade.

Essa experiência me transformou profundamente. Antes, eu era como um barco à deriva, sem rumo, questionando minha fé, meus ideais e até a mim mesma. Mas ali, no EJC, encontrei meu porto seguro. Compreendi que não havia razão para temer, que podia confiar plenamente na promessa divina. Percebi que, apesar dos meus pecados, Deus me amava incondicionalmente, e que seu amor era a âncora que me manteria firme, não importando as tempestades que enfrentasse.

Até hoje, ao ouvir a música "Terra seca", sou transportada de volta àquele momento. O trecho "Só em ti construirei a minha casa, só em ti colocarei a minha esperança" é como uma tatuagem na minha alma, um lembrete constante de que Deus é meu refúgio, minha morada segura. Sinto essa paz especialmente na capela do Santíssimo, onde o silêncio é um manto que me envolve e acolhe.

Outro trecho da canção, "E o meu coração deseja te encontrar, como a terra seca anseia pela chuva", reflete exatamente o que vivi. Meu coração, ressecado pela ausência de fé, ansiava desesperadamente por esse encontro com Deus. Quando a chuva do amor divino finalmente caiu sobre mim, senti que havia encontrado meu lugar no mundo, meu lar, aos pés de Deus. O EJC foi, sem dúvida, os três dias mais transformadores da minha vida, uma experiência única que recomendo a todos, pois foi neste encontro que descobri o verdadeiro significado do amor e da fé.

O TERÇO COR-DE-ROSA

Silvia Allanna Ferreira da Silva



Recordo com clareza o aroma daquela pequena casa onde recebi meu primeiro terço, o mesmo lugar onde aprendi a rezar sob a orientação amorosa de minha avó de criação. Aquela pequena casa de telha e piso de cimento queimado, estava imersa em um cheiro peculiar, o perfume do pé de arruda que ela cuidava com tanto carinho. Enquanto eu recitava o Pai Nosso, acompanhada pelo som dos passarinhos, o céu se tingia de tons pastéis, e o vento suave atravessava as janelas da sala, brincando com meus cabelos.

Naquele dia, minha avó entrelaçou suas mãos nas minhas com uma ternura inigualável. Sua pele negra e seus cabelos pretos recém-pintados contrastavam com o brilho dos seus olhos, que reluziam de alegria ao me ver recitar junto a ela: “Pai nosso, que estais no céu [...]”. Com devoção, ela rezava o pequeno terço cor-de-rosa. Esse momento, repleto de um profundo sentimento de paz e pertencimento, tornou-se uma lembrança doce e perene, assim como ela um dia foi.

Após a partida de minha avó para o céu, o terço que ela me deu tornou-se um símbolo de saudade. Recordo com nostalgia aquela casa que não existe mais, o som da voz dela que trazia consolo e o início da minha jornada espiritual. Com isso, a lembrança daquele tempo me faz valorizar ainda mais o legado de amor e fé que ela me deixou, e o cheiro daquela casa permanece como uma doce evocação de tudo o que vivi ao lado dela.

UM QUINTAL, UMA XÍCARA DE CAFÉ E UM VELHO ESTOFADO

Sophia Martinez Manzano Lucas



Lembro-me dos dias cinzentos que nem mesmo o sol parecia ser capaz de penetrar o meu corpo. O cinza era de uma proporção tão demasiada que o dia parecia noite e até mesmo o frio parecia como agulhas fincando em minha pele, ignorando completamente o modo como minha pele se arrepiava.

No quintal daquela antiga casa no interior de São Paulo, onde a cidade carrega até hoje o nome de “Sorocaba”, eu me refugiava constantemente em um velho estofado, que apesar do seu desgaste visível, era onde eu encontrava o porto seguro.

Constantemente, me sentava naquele velho estofado com uma xícara de café e o céu permanecia sempre cinzento. Por algumas vezes, trocava a xícara de café por uma caneca de cerveja e o violão sempre me acompanhava, não importando o dia. O cheiro do cigarro pairava pelo ar e envenenava meus pulmões, roubando-me alguns minutos de vida e eu implorava até para os céus: por que é esse céu cinza e sem vida que continua sendo o meu preferido?

E a resposta sempre foi clara: minha paixão pelo nada e pelo cinza sempre me foi evidente. Ainda bem que eu pude descobrir isso naquela tarde de 2017, quando eu dedilhei “Lavínia”, de Guido, no violão e pude sentir o cheiro do café com canela sendo passado. Aquele ano, foi para mim, a definição de ser completo. Até agora eu ousou dizer que o ano todo parecia ter sido inverno. E, definitivamente, todas as estações foram de inverno mesmo quando o sol brilhava e o frio era inexistente.

Essas contradições são ricas, surpreendentes. Amante do frio e do cinza, eu voei pelos céus em busca de redefinição e de me encontrar num lugar onde o céu azul permeia e o sol faz jus ao teu calor. Contraditório, talvez.

Ainda bem que, mesmo assim, consigo recordar todas as vivências naquele quintal, onde tudo parecia acontecer, embora nada saísse do lugar. Afinal, o movimento estava em mim, não nos pássaros que voavam nas manhãs frias às 06h30.

Voei para longe daquele quintal e hoje em dia, ele nem existe mais. Ainda permanece no mesmo lugar, mas irreconhecível: as paredes não são mais daquele tom rosa bebê onde algumas partes descascavam pela pintura desgastada; o tanque foi deslocado, e a churrasqueira com o fundo enferrujado findou-se. As escadas de cimento estão alteradas com uma cerâmica que eu julgo sem vida, e até o prédio visível a um quilômetro de distância tem outra cor. Nada mais está no mesmo lugar, e, ironicamente, eu também não estou.

Assim como o quintal se refez, eu também me refiz com o tempo, com construções e demolições internas que talvez nem existam mais dentro de mim. Reencontrar-me em um novo lugar, sentindo saudade daquele lugar que me foi refúgio há algum tempo, é um desabafo que rasga e perfura meu peito, misturando-se ao gosto amargo da cerveja quente que, no momento, desce pela minha garganta. Ainda bem que eu me refiz. Ainda bem que eu revivo aquele lugar, mesmo que hoje eu não seja mais a mesma pessoa. Ainda bem que essa saudade me mantém em vida. Ainda bem.

A CASA DO OUTRO LADO DA RUA

Jamires Basilio de Pontes Alcantara



Minha infância, sem dúvida, foi um período inesquecível, repleto de diversão interminável, imaginações desmedidas e promessas de dias cheios de sorrisos e brincadeiras na cidade de Itambé, onde me criei, no interior de Pernambuco. Eu, na minha ânsia de criança, acordava com imensa vontade de brincar. Do outro lado da rua, o cheiro do barro se fazia sentir, anunciando a presença da inigualável casa amarela.

Com seus portões de ferro, sempre abertos como um convite irrecusável à diversão, e um jardim florido, o lugar parecia um paraíso para qualquer criança. O quintal extenso e os quartos espaçosos e aconchegantes ofereciam um cenário perfeito para a alegria. Minha pequena amiga, que morava com seus avós, dona Bibi e Sr. Grinaldo, ambos de pouca altura, porém com coração gigante e doce — que para mim era como uma segunda família, sempre acolhedora e amorosa —, era a companhia ideal para todas as minhas aventuras. A grande casa amarela era, para mim, única e insubstituível, pois nenhuma outra casa era igual, não tinha o mesmo cheiro, e emoções que ela me proporcionou sentir.

O chão, de piso queimado, estava sempre coberto por brinquedos, e nós éramos livres para explorar, brincando de tudo que a imaginação permitisse: esconde-esconde, jogos, pula-corda, amarelinha e boneca. As horas voavam quando estávamos lá; o tempo parecia desacelerar, e a diversão se estendia até o anoitecer.

A perspectiva de ir embora nunca era bem-vinda, mas quando o sol se punha e o céu escurecia, o recado estava dado: era hora de partir. O retumbante chamado da minha mãe para voltar para casa era invariavelmente respondido com um pedido sincero de “só mais um pouquinho”. Afinal, quando criança, quem nunca teve um lugar como esse não é mesmo?

Assim, todos os dias se repetia a mesma cena: um coração apertado ao atravessar a rua de volta para casa, mas com a certeza de que no dia seguinte novas oportunidades de brincar me aguardavam. Com o passar dos anos, a casa amarela se firmou em meu coração como um refúgio onde o tempo parecia parar. Foi ali que vivi os últimos dias da minha infância genuína. Sinto saudade daquele período, pois foi nesse espaço que experimentei uma verdadeira felicidade e desfrutei intensamente da minha infância.

ADORMECI COM O DANÇAR DAS BORBOLETAS

Telma Yara Barbosa



Ao evocar minha infância, o quintal da casa de minha avó surge vívido em minha memória. Era um lugar de magia e liberdade, situado no Sítio Zé Velho, em Queimadas, na Paraíba. O quintal era vasto e exuberante, adornado com uma profusão de plantas e árvores: pés de seriguela, graviola e manga, que ofereciam sombra e frescor. No centro desse paraíso verdejante estava a casinha branca da minha avó, cercada por uma calçada espaçosa que frequentemente se transformava no palco dos nossos shows imaginários, dirigido por minha irmã Anne, nossos primos Max e Binho e eu.

Entre uma brincadeira e outra – baleada, salada mista, cabra cega – nosso espírito de aventura parecia não conhecer limites. A diversidade de flores atraía uma infinidade de borboletas, tornando o ambiente ainda mais colorido e encantador. Eu passava horas sentada, maravilhada pela beleza do lugar e pela dança delicada das borboletas.

Mas uma memória se destaca com um toque de mistério e apreensão. Em uma dessas tardes mágicas, enquanto brincávamos, desapareci de repente. A princípio, Anne pensou que eu estava apenas brincando de esconde-esconde, mas, ao procurar e não me encontrar, seu pânico começou a crescer. Ela correu até minha mãe e minha avó, e logo a casa estava em alvoroço. O que começou como um pequeno susto rapidamente se transformou em uma busca desesperada.

Os vizinhos se juntaram à procura, e um mar de pessoas vasculhava os arredores, invadindo a mata, seguindo o curso do rio e explorando cada canto de quintal e das áreas vizinhas. O sol começava a se pôr e a luz do dia dava lugar a uma penumbra inquietante. Cada estalo de galho e cada ruído distante pareciam amplificar a tensão crescente. Minha mãe, exausta e desesperada, acabou se sentando na calçada, e sua esperança se esvaía com a escuridão.

Foi nesse instante, quando o medo parecia mais intenso, que eu surgi das flores. Havendo adormecido enquanto observava a dança etérea das borboletas, despertei ao ver minha mãe ali, sentada e desolada. “Mãe?” chamei, e ela levantou a cabeça, seus olhos brilhando com lágrimas que misturavam alívio e desespero. O abraço que se seguiu foi um entrelaçar de lágrimas e risos, uma reconciliação emocional que parecia eterna e profunda.

As lembranças daquele quintal são muitas e intensas, uma tapeçaria de risos e brincadeiras que, infelizmente, não existem mais. O espaço onde outrora florescia o quintal foi tomado por novas construções, e a casinha da minha avó foi demolida. Agora, aquele quintal vive apenas na minha memória, onde cada canto e cada risada ainda ressoam como notas de uma melodia antiga, imortalizada no tempo.

AS PEDRAS DO RIO

Thaiz Alves Correia Lima



Minhas memórias do interior chegam como uma brisa suave que, em meio aos ritmos acelerados da vida cotidiana, traz consigo uma enxurrada de lembranças e saudades. Lembro-me das férias no campo, no interior da Paraíba, quando a vida seguia um ritmo mais tranquilo e os dias se desenrolavam com uma calma serena.

Era um tempo em que as horas se dissolviam entre brincadeiras com os primos, banhos de rio, lanches da tarde compartilhados na calçada da casa e os passeios de uma residência familiar a outra. O despertar matinal era marcado pelos chocalhos dos bodes e pelo som do moedor de capim. Sentíamos o frescor da neblina ao acordar, saltávamos por porteiras, e caçávamos os seixos mais bonitos do lugar.

Ah, os seixos! São pedras arredondadas, moldadas pelo tempo e pela água dos rios. Pequenos blocos desprendidos das rochas rolam e se chocam nas águas inquietas, polindo sua superfície até torná-la lisa e arredondada. Minhas bolsas voltavam sempre cheias delas e minha mãe se perguntava o que eu faria com tantas pedras.

Ruas de barro, casas sem forro, chão de cimento queimado, um rio que passava pelo quintal, mosquiteiros para dormir, alpendres e caminhos longos — essas eram as características que definem e qualificam aquele ambiente para mim de forma positiva.

As visitas ao interior já não são mais como antes. O aumento das pontes trouxe um fluxo maior de pessoas, carros e motos, e com isso, mais violência e poluição. As estradas calçadas fizeram desaparecer algo que eu adorava: o som das sandálias batendo na terra e nas pedrinhas pequenas ao caminhar ao final da tarde.

Eu até entendo, sabe?! Talvez seja um egoísmo da minha parte, pois essas mudanças trazem conforto e melhorias para os moradores locais. No entanto, eram essas características que me agradavam e que me traziam boas memórias. Agora, as visitas são mais espaçadas devido à correria da vida, e tornaram-se apenas rápidas paradas, ainda carregadas de sentimentos, mas sem tempo suficiente para saborear cada detalhe.

Era uma época em que o tempo parecia se arrastar, permitindo que cada momento fosse plenamente vivido e aproveitado. Esse lugar não era apenas um local; era um estado de espírito, uma sensação de harmonia com o mundo ao redor. As memórias deste lugar têm o poder de nos transportar para uma época em que a vida parecia mais simples e plena, com uma beleza serena que permanece em nossas almas.

O ANIVERSÁRIO DE LEILA

Thaís de Souza da Silva



Eu sou a filha mais velha de Antônio e Lúcia e apesar das limitações financeiras da nossa vida, fui uma criança incrivelmente feliz. Meus brinquedos eram simples: uma boneca e um conjunto de panelinhas. Aos cinco anos, sem amigos para brincar, eu me divertia sozinha, o que nunca foi um problema para mim. Minhas tardes se desenrolavam em um quintal mágico, onde a realidade se desfazia, e eu me transportava para qualquer lugar do mundo.

Havia uma pequena levada no quintal, um filete de água que serpenteava pelo chão enquanto minha mãe lavava roupas à mão. Para mim, aquele filete era um rio encantado. Mesmo com a desaprovação da minha mãe, adorava sentir a água fresca escorrendo entre meus dedos. O quintal era meu reino! As bananeiras se erguiam como gigantes benevolentes, formando paredes verdes onde eu construía minha casinha. Estendia um fio de um lado ao outro e pendurava as roupas da minha “filha”, minha inseparável boneca Leila. Ali, eu tinha um universo particular, onde a felicidade parecia infinita. Protegida e sem preocupações, passava o dia inteiro nesse refúgio, interrompida apenas pelo chamado de minha mãe para as refeições.

Leila, minha boneca inseparável, era a mais barata disponível na feira. Leve como uma pluma, sem cabelos e com olhos pintados, ela era grande, quase do meu tamanho.

Lembro-me de um dia especial, logo após meu batizado, quando minha mãe lavava meu vestido e o estendia no varal. Meu pai estava ali, me observando brincar entre as bananeiras. Eu me sentia completa e feliz. Adorava brincar com a lama; nada me deixava mais contente. Pegava restos de potes de margarina que minha mãe jogava fora e os enchia de lama, fazendo bolos para Leila. Preparava bolinhos para vender e cozinhava brigadeiros e guloseimas para o aniversário da minha boneca. Outras vezes, eu me tornava vendedora no meu mercadinho improvisado, guardando tudo o que podia para a “venda”. Esse era o meu mundo particular. A cada manhã, ao abrir a porta da cozinha e me deparar com o quintal, parecia que ele brilhava, sempre pronto para mais um dia de aventuras.

Eu não sentia falta de nada, pois minha imaginação era um pássaro de asas largas, que me levava a lugares distantes e me fazia esquecer quem eu era e onde estava. Um dia eu era professora; no outro, princesa; e em muitos dias, uma dona de casa, assim como minha mãe, sempre ocupada com seus afazeres.

Minha saudade reside nas pequenas coisas: nas brincadeiras despretensiosas e no poder da imaginação que me transportava para outras dimensões. O quintal, que agora não existe mais, e a casa, que hoje abriga outra família, são apenas sombras do que foram um dia. Mas as memórias... ah, as memórias! Elas são como um perfume suave, que me transporta de volta àquele lugar, envolvendo-me num abraço caloroso e me fazendo sorrir ao recordar minha infância no pequeno universo verde.

A TÃO SONHADA FOTOGRAFIA

Vitória Kelly Alves Belarmino Santos Sá

Falar e retratar algo que evoca saudades e provoca um friozinho na barriga é, na verdade, um grande desafio repleto de emoções. Como a minha querida professora argumentou a saudade não é apenas a lembrança de momentos distantes, mas também de instantes mais próximos, uma saudade que é quase uma antecipação deliciosa, como a expectativa de encontrar um ficante pela primeira vez ou o friozinho de andar numa montanha-russa.

Desde criança, eu sempre sonhei com uma família grande, uma mesa cheia de gente, amor e bagunça. No entanto, minha família está espalhada por diversos estados do Brasil e, por motivos de prioridade, nunca tivemos um momento juntos como aquele captado por uma fotografia que guardo. Sentir as emoções que experimento ao olhar para esta foto me faz encher os olhos de lágrimas e ver um filme se desenrolar na minha mente.

No São João de 2024, tivemos a oportunidade de reunir a família em Diamante, no interior da Paraíba. A viagem de Conde a Diamante, que leva cerca de 8 horas devido às fortes chuvas e paradas, foi uma jornada de 452 km que começamos numa sexta-feira à noite às 22h. A ansiedade era grande, especialmente porque eu conheceria parentes que nunca tinha visto. Finalmente, ao chegar, fomos direto para a casa do meu primo, no centro da cidade, para descansar antes de ir ao sítio, que seria o nosso destino.

Ao chegar no sítio e cumprimentar parentes conhecidos e desconhecidos, a grandeza da minha família superou todas as minhas expectativas. O calor humano e a acolhida foram indescritíveis.

Mesmo com alguns parentes vistos pela primeira vez e outros há anos sem contato, senti que estava em casa, pois estava cercada pela minha família, e não apenas a família "adotada" de amigos.

No dia seguinte, fomos almoçar em um restaurante a cerca de 20 minutos do sítio. Éramos tantos que ocupamos 14 mesas. As pessoas ao redor nos observavam, admiradas com a quantidade de gente, as conversas animadas, os sorrisos, a comida e as incontáveis fotos. Foi então que surgiu a ideia de tirar a tão desejada fotografia. Pedimos a um funcionário do local para registrar aquele momento eterno e memorável. E você, caro leitor, também já tirou uma fotografia com toda a família reunida? Que tal visitar seu álbum e reviver essas lembranças?

Voltando às minhas memórias, a festa de São João no sítio da titia foi inesquecível. Em meio à fogueira, ao churrasco, às comidas de milho, às bebidas, meus primos mais novos brincavam de trac-trac, chuveirinho e bombas, enquanto a música e as conversas animadas preenchiam o ambiente. No meio de toda aquela alegria, senti uma saudade profunda dos meus avós. Gostaria que eles estivessem ali, testemunhando aquela união familiar. Meu avozinho, onde quer que esteja, certamente ficou feliz com aquela reunião, pois parte dele ainda vive em cada um de nós, especialmente em mim, em meu coração.

Quando a festa terminou, eu, meus irmãos e três primos decidimos ir para uma festa de rua na cidade vizinha. Meu primo me apresentou a vários outros parentes, e foi ali que percebi, mais uma vez, o quanto nossa família é ainda maior do que imaginava. Como ele sempre brinca: "Metade da cidade é nossa família, e a outra metade são turistas!"

Ao voltarmos para o sítio, já perto do amanhecer, tive uma conversa profunda e cheia de significado com um primo. O dia nascia, e eu já sentia saudade daquele momento, ansiosa pela próxima visita. A despedida foi difícil, marcada por lágrimas e abraços apertados, com promessas de um retorno em breve. Mal posso esperar pela nossa próxima fotografia.

FILHA, SEU CAFÉ!

Wanessa Meireles dos Santos




Sob o céu estrelado, a memória de José ressurgiu com uma intensidade única. Toda vez que ouço Alceu Valença cantar "La Belle de Jour" e os versos Eu lembro da moça bonita da praia de Boa Viagem / E a moça no meio da tarde / De um domingo azul..., sinto como se aqueles dias jamais fossem os mesmos sem ele e sua inseparável caixa de som. Seus cabelos encaracolados, de tom oliva, e sua estatura imponente, de 1,80m, me envolviam em um abraço acolhedor antes de sair para o trabalho. Curiosamente, tanto eu quanto minha mãe percebemos que meu irmão João herdou muito de sua aparência.

A voz dele ainda ressoa na minha mente, chamando: "Filha, seu café!" Sua dedicação em preparar meu café da manhã, com vitamina de banana e pão francês, faz-me lembrar com carinho dos dias em que ser filha de José era um privilégio. No olhar protetor e afetuoso dele, recordo-me do dia em que precisei passar por uma cirurgia aos nove anos. Enquanto outras crianças eram acompanhadas por suas mães, eu tinha o apoio constante de meu pai, uma presença reconfortante em meio à sala cheia de pequenos e suas mães. Em meio a olhares curiosos, ele me ajudou a vestir o uniforme cirúrgico, deixando-me apenas com a calcinha chamada 'bunda rica'.

Hoje, na casa onde vivo com minha mãe (Ana) e meu irmão João, ainda encontramos traços de sua vida em cada cerâmica e muro que ele construiu. Meu pai era um homem metódico, e talvez por isso eu me pareça tanto com ele.

Seu amor por aventuras e pelo futebol lhe trouxe tanto alegrias quanto desilusões. A busca incessante pela felicidade elevou-o e, ao mesmo tempo, marcou sua partida em 11 de abril de 2018, há seis anos.

Em cada lar em que vivemos, uma parte de José permanece. Sua intensidade e amor pela vida preencheram nossa existência, mas também deixaram lacunas. Lembro-me da primeira casa em que moramos, atrás da casa da minha avó materna, onde seu instinto protetor quase causou um acidente com o cão da minha avó, quando ele mordeu meu pé. A sensação de esperar por seu retorno ainda persiste, especialmente às 05:30 de toda manhã, seu horário habitual de chegada do trabalho em João Pessoa, em direção a Sapé. Até hoje, nossa cadelinha Lôla ainda late como se esperasse por ele, mesmo que sua presença não seja mais real.



Tudo o que é importante na vida tem que estar por escrito. Por isso, transformamos nossas histórias em memórias literárias, uma forma de eternizar, por meio de palavras, os gestos que merecem ser lembrados.